

2014

# PÚBLICO – POLICIÁRIO CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2011

CLUBE DE DETECTIVES  
DANIEL FALCÃO (ORG.)

<http://clubededetectives.net>

## **FICHA TÉCNICA**

Título: PÚBLICO – POLICIÁRIO

CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2011

Organização: Daniel Falcão

Data da edição: Janeiro de 2014

Editor: Clube de Detectives

E-MAIL: [clubededetectives@gmail.com](mailto:clubededetectives@gmail.com)

URL: <http://clubededetectives.net>

## ÍNDICE

PROVA Nº 1	
PARTE I – Mistério no Paraíso (Al-Hain)	7
PARTE II – São Pedro resolve (Al-Hain)	13
PROVA Nº 2	
PARTE I – Tempicos e a viúva alegre (A. Raposo & Lena)	19
PARTE II – Que estranha pescaria!... (Inspector Boavida)	23
PROVA Nº 3	
PARTE I – Aprendiz de criminoso (Felizardo Lopes)	31
PARTE II – Desviaram um autotanque (Rip Kirby)	37
PROVA Nº 4	
PARTE I – Smaluco e o perigoso bombista (Inspector Boavida)	43
PARTE II – O mistério da bala transviada (Penedo Rachado)	49
PROVA Nº 5	
PARTE I – Gato farrusco morre ao lusco-fusco (Onáirda)	55
PARTE II – Quem tirou o dinheiro? (Zé)	61
PROVA Nº 6	
PARTE I – O massacre na Quinta da Alegria (Rip Kirby)	67
PARTE II – O Douro tem muitas pontes (Paulo)	73
PROVA Nº 7	
PARTE I – Crónica do meu suicídio (Paulo)	81
PARTE II – Manual de interpretação dos sonhos (Búfalos Associados)	85
PROVA Nº 8	
PARTE I – Azul celestial (Daniel Falcão)	93
PARTE II – Quem matou a Rafa(ela)? (Daniel Falcão)	99

PROVA Nº 9	
PARTE I – Crime em tempo de guerra (Búfalos Associados)	105
PARTE II – Branca de Neve (Branca de Neve)	111
PROVA Nº 10	
PARTE I – Os enigmas da tribo desaparecida... (M. Constantino)	117
PARTE II – O iate misterioso (Malempregado)	123
CLASSIFICAÇÕES	
DECIFRAÇÃO	129
PRODUÇÃO	131
POLICIARISTA DO ANO E RANKING	133

**CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2011**

**PROVA Nº 1**

**PARTE I**

**MISTÉRIO NO PARAÍSO**

**Original de AL-HAIN**

**PARTE II**

**SÃO PEDRO RESOLVE**

**Original de AL-HAIN**



## MISTÉRIO NO PARAÍSO

### Original de AL-HAIN

A criminalidade já está tão desenvolvida e com tanta falta de espaço cá neste recanto do universo, que até já se expandiu para o paraíso onde criminosos que por cá morrem vão continuar as suas tropelias num outro mundo onde teoricamente tudo deveria ser paz e harmonia.

Como calculam, e muito bem, eu não assisti aos factos relatados na história que se segue. Eles foram-me revelados num contacto espiritual que mantive com um confrade nosso que já não se encontra no meio de nós. Não posso revelar quem era porque as visões que tive, apesar de bastante nítidas, quando se tratava de imagens do rosto, apareciam-me como que esfumadas, escondidas entre rolos de nuvens bastante compactas. Parecia que ele tinha medo de ser reconhecido, ou não o queria ser.

A história que o nosso extinto confrade me contou foi a seguinte: duas quadrilhas rivais de traficantes de droga das favelas do Rio de Janeiro envolveram-se em guerra aberta nos morros que rodeiam a cidade. Quando a polícia chegou foi atirando a tudo quanto mexia e até ao que estava estático.

No meio desta guerra muitos inocentes pereceram e entre estes uma menina de 12 anos, filha de um agente da Polícia Militar (PM), que regressava da escola e se dirigia ao alto do morro para casa da avó, onde ia almoçar.

Não foi possível identificar a arma que matou a menina, mas verificou-se que foi disparada a cerca de cinco metros pelas costas quando ela passava precisamente em frente ao ponto em que o pai estava abrigado. Este, ao ver a filha cair sangrando, esqueceu todas as precauções e correu para a filha que não conseguiu alcançar, pois foi atingido por um tiro que entrou por baixo do braço esquerdo indo a bala alojar-se no coração. A bala que atingiu a menina foi disparada pela mesma arma que disparou o tiro que matou o pai desta. A menina foi levada para o hospital em estado de coma enquanto o pai foi conduzido ao necrotério.

A responsabilidade pelos dois tiros foi atribuída a três suspeitos.

O primeiro era Erivaldo Garcia que, por casualidade ou mera ironia do destino, era também um agente da PM indiciado por envolvimento com o tráfico de drogas e outras tramóias bem mais graves. Quando interrogado afirmou que se encontrava abrigado alguns metros abaixo do local onde se encontrava o colega. Apesar disso afirmou não ter visto nada.

O segundo era Argemiro de Freitas, um conhecido traficante que afirmou não ter conhecimento de nada. Estivera toda a manhã no alto do morro vigiando os movimentos da PM o que foi confirmado por várias pessoas, incluindo a avó da menina.

O terceiro suspeito era Alceu Xavier, um motoqueiro que trabalhava com moto-táxi. Não se lhe conheciam ligações com os grupos de traficantes, mas já havia sido preso por pequenos roubos na prática dos quais nunca usara armas de fogo.

Casualidade ou não, a verdade é que dois dias depois de interrogados os três suspeitos morreram também. Alceu Xavier morreu num acidente de moto quando foi bater com violência de frente com um autocarro. Erivaldo Garcia e Argemiro de Freitas morreram numa troca de tiros entre os traficantes e as forças da ordem quando a PM fez mais uma incursão na favela.

Quando os três chegaram ao paraíso o agente da PM tentou envolver-se em pancadaria com o seu colega, mas sem resultado. Contudo, a bulha foi enorme e que atraiu para o local uma figura indefinida com uma altura enorme e que parecia ter grande autoridade ali. Perante a presença desta personagem os ânimos acalmaram-se e a estranha figura exigiu que lhe contassem o que se passava.

Todos iam falar ao mesmo tempo, mas com um gesto o estranho ser impôs silêncio e de seguida ordenou ao agente da PM, pai da menina, que falasse. Este relatou todos os factos de que tinha conhecimento. Quando terminou, o estranho ser que parecia ser quem mandava ali dirigiu-se à menina e disse-lhe: tu podes ir-te embora, a tua hora ainda não chegou, vai ter com a tua mãe que está à tua espera. Dito isto, duas figuras que pareciam anjos desprenderam-se da enorme personagem e envolvendo a menina levaram-na dali.

Depois, dirigindo-se a um dos quatro disse-lhe: tu vais para o Umbral. Na tua vida sempre praticaste acções que devias combater. Lá ficarás até que te arrependas de todo o mal que praticaste e encontres quem queira de lá tirar-te. Mal estas palavras foram pronunciadas duas medonhas figuras negras se desprenderam do estranho ser que parecia presidir ali a tudo e arrastaram o condenado.

Os outros ficam aí onde irão ser preparados para nova encarnação. Dizendo isto, a estranha figura afastou-se e a cada passo que dava aquilo que parecia ser o seu corpo tomava as mais estranhas formas.

Então os bons não vão para o céu e os maus para o inferno? Como é possível este encontro aqui? – perguntei eu admirado ao nosso ex-companheiro.

Qual quê, meu amigo! Essa do céu e inferno não passa de uma lenda. Ou antes, esses dois lugares existem realmente mas estão concentrados num só e é lá nesse mundo em que tu ainda vives. No inferno estão aqueles que não têm uma casa para morar, dormem nos vãos de escadas ou debaixo de pontes e viadutos e quantas vezes se cobrem apenas com cartões. Não têm uma sopa para comer, nem



um médico para os tratar quando estão doentes e se o Inverno for rigoroso, morrem de frio em qualquer canto. No céu estão todos aqueles que têm em abundância o que falta aos outros e que, depois de gastarem fortunas em bens que não lhes fazem falta, ainda lhes sobra dinheiro para depositarem fortunas nos cofres dos bancos.

Então o que é o paraíso? – voltei eu a perguntar.

O nosso ex-confrade, enchendo-se de paciência, lá me foi explicando: o paraíso é um lugar para onde vão todos aqueles que terminam o seu ciclo de vida e vêm para aqui para se prepararem para um novo ciclo. Todos nós praticamos acções reprováveis que representam dívidas que vamos acumulando e que teremos que pagar – é por isso teremos que voltar à vida para as pagar. Alguns, quanto mais vezes reencarnam mais dívidas contraem e voltam à vida para sofrerem sempre. Outros vão melhorando a cada encarnação até que, atingindo a perfeição, ficam aqui para ensinarem e cuidarem daqueles que precisam ser ensinados e cuidados.

Dizendo isto o nosso ex-confrade calou-se e afastou-se sem se despedir.

Foi neste momento que eu acordei ainda assustado com o sonho que tivera.

No outro dia, a menina que estava no hospital saiu de coma e sorriu para a mãe que, sentada a seu lado, chorava. Pronto, agora é só fazer um relatório dizendo-nos quem foi condenado a ir para o Umbral. Devem explicar o significado deste sonho e dizer-nos o que é o Umbral. Podem dizer tudo o que valorize a solução.

***Policiário nº 1016 – Público de 9 de Janeiro de 2011***

## SOLUÇÃO

Iniciemos então a solução deste problema – e não há melhor maneira para começar essa tarefa que não seja começando pelo princípio.

Pergunta-se em primeiro lugar quem foi o condenado.

Pelas palavras do estranho ser, cuja estrutura parecia ser a de uma nuvem, conclui-se que o condenado teria sido o espírito do agente da Polícia Militar que na sua vida terrena cometeu muitos crimes quando a sua missão era, na verdade, a protecção dos seus concidadãos.

Esta prática configura um pecado muito mais grave do que o do traficante. O traficante poderia ter sido levado para aquela actividade por dificuldades económicas e/ou outras. O polícia militar aderiu às actividades criminosas por ganância, a qual o levou a trair o seu juramento de fidelidade à causa da justiça e também os seus companheiros.

Segundo ele próprio afirma, estava abrigado poucos metros abaixo do local onde se encontrava o seu colega. Quando a filha deste passou, subindo o morro, disparou sobre ela, que ficou em estado de coma. Ao ver a filha ferida, o pai tentou socorrê-la mas não teve oportunidade para isso pois foi atingido mortalmente pelo colega.

Possivelmente estes factos foram originados por questões de vingança. Por esse motivo, ele foi levado para o Umbral de onde não é possível sair sem que antes sofra o castigo pelas suas acções em vida, se arrependa sinceramente e encontre algum outro espírito disposto a ir buscá-lo porque, sozinho, os espíritos empedernidos que lá vivem como vermes jamais de lá o deixarão sair.

O Umbral o que é?

As histórias que chegam até nós a respeito do Umbral mostram um local de sofrimento como dificilmente podemos imaginar. Para falar mais sobre o assunto e esclarecer alguns pontos, vamos ver o que nos diz o médium e escritor Alceu Costa Filho.

Várias linhas espirituais falam sobre um lugar de trevas, para onde criaturas que desencarnam em situação de muita dor, ódio, suicídio, etc. acabam por ir parar. A palavra Umbral amplamente usada por André Luiz através da psicografia de Chico Xavier, faz parte da linguagem espírita para definir zonas de dor e sofrimento. Definida nos dicionários (Aurélio) como “Limiar da Entrada”, este sempre existiu como consequência natural da mente humana. Na obra Nosso Lar encontramos, nas palavras de Lísias, o seguinte:

“O Umbral começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram atravessar as portas dos deveres sagrados a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou

no pântano de erros numerosos.”

Uma alma pode passar no Umbral o tempo que sua consciência determinar, podendo ir para uma dimensão mais elevada a partir do seu despertar para as verdades eternas. No livro Memórias de um Suicida existe um relato no mínimo tétrico dessa região e dos espíritos que ali habitam. Alguns videntes dizem que quem ali se encontra, muitas vezes não consegue enxergar espíritos consoladores, de tão densos que são os seus corpos etéricos.

Allan Kardec, no seu Livro dos Espíritos (capítulo Ensino Teórico das Sensações dos Espíritos, questão 257), cita:

“Não possuindo órgãos sensitivos, eles podem, livremente, tornar activas ou nulas as suas percepções”. Uma só coisa são obrigados a ouvir: os conselhos dos Espíritos bons. A vista, essa é sempre activa; mas eles podem fazer-se invisíveis uns aos outros. Conforme a categoria que ocupem podem ocultar-se dos que lhes são inferiores, porém não dos que lhes são superiores.

Há quem diga que o Umbral é o pensamento global dos sofredores plasmado no éter próximo à crosta da Terra. Manoel Philomeno de Miranda assim o descreve: “Composta de elementos que me escapavam, eram e são, no entanto, vitalizadas pelas sucessivas ondas mentais dos habitantes do planeta, que de alguma forma sofrem-lhe a condensação perniciosa.”

Muito ainda poderia ser acrescentado mas temo tornar esta solução demasiado longa, pelo que ficamos por aqui.

***Policário nº 1022 – Público de 20 de Fevereiro de 2011***



## SÃO PEDRO RESOLVE

### Original de AL-HAIN

César Murteira, comerciante de cortiça, dirigia-se para casa em Santa Catarina da Fonte do Bispo quando, perto da saída da Via do Infante para Olhão, foi embater nas alfaias de um tractor que, de recuo, vinha saindo de um caminho vicinal. Murteira não se deslocava a grande velocidade, mas o choque foi o suficiente para lhe tirar a vida. Não havia testemunhas e o condutor do tractor fugiu do local.

O sargento Veríssimo, da GNR de Tavira foi destacado para as primeiras investigações do acidente. De pergunta em pergunta, o sargento descobriu quatro suspeitos. Eram eles: Tiago Fonseca, proprietário do tractor envolvido no acidente, Jorge Patacão, Firmino Viegas e Alfredo Bodião que trabalhavam normalmente com tractores. Porém, quando o sargento Veríssimo tinha o caso quase deslindado teve que intervir nas operações para prender os assaltantes de um banco. Foi baleado e depois de dias entre a vida e a morte esta acabou por levar a melhor. Curiosamente, os suspeitos não sobreviveram muito tempo ao sargento. Alguns dias depois, Tiago Fonseca foi colhido por um tractor e não sobreviveu aos ferimentos. Alfredo Bodião deslocou-se a Faro e no Rio Seco, ao atravessar a EN 125, foi atropelado por um camião TIR. Jorge Patacão, que morava em Moncarapacho, uma semana depois, num domingo, envolveu-se numa discussão numa taberna e foi crivado de facadas. Por casualidade, nesse mesmo dia Firmino Viegas foi acometido por um enfarte do miocárdio e chegou já cadáver ao hospital de Faro.

A narrativa que se segue não posso garantir que seja real, pois eu não estava presente para o confirmar. Quem me contou foi um amigo que por essa mesma ocasião esteve entre cá e lá e teve oportunidade a assistir a tudo. Também não sei se serei capaz de contar tudo com a riqueza de pormenores que o meu amigo usou, mas vou tentar.

Alguns dias depois dos acontecimentos narrados anteriormente começaram a chegar os espíritos de César Murteira, do sargento Veríssimo e dos suspeitos de terem provocado a morte do primeiro. O lugar se não era o autêntico Paraíso, era pelo menos paradisíaco. Era uma imensa planície verdejante, cortada aqui e ali por ligeiras ondulações. Havia muitas e frondosas árvores cujo verde, de vários tons, das folhas contrastava com o verde da relva. Também eram abundantes os canteiros de flores maravilhosas e por todo o lado havia lagoas, fontes e ribeiros rumorejantes. A luminosidade era intensa. Era um lugar de

paz e harmonia.

Com a chegada dos espíritos já referidos a paz foi quebrada, especialmente pelo espírito de César Murteira que acusava os outros de serem responsáveis por ele se encontrar ali. Apenas o espírito do sargento Veríssimo se conservava à parte de todas as brigas, mas bem atento ao que se passava.

Como os brigões não havia meio de se acalmarem, dois dos chefes do lugar apareceram por ali para se inteirarem do que se passava e para acalmarem os ânimos. O meu amigo não podia garantir, mas disse-me que um dos dois chefões era muito parecido com as imagens que na terra pintam de São Pedro e o outro com as de São Paulo. Como os ânimos mesmo assim não acalmaram, o espírito de Veríssimo pediu para falar em particular com os dois chefes, ao que estes acederam.

Veríssimo contou o que se tinha passado na terra e deu pormenores das diligências que tinha feito antes de ter sido baleado.

Nos interrogatórios que havia feito no dia seguinte ao acidente, Tiago Fonseca, proprietário do tractor que provocara o acidente, afirmou que tinha estado alguns dias na Feira Nacional de Agricultura para ver umas máquinas e tinha acabado de chegar naquele momento. Apresentou a factura do hotel onde tinha ficado e os bilhetes do comboio entre Santarém e Lisboa e de Lisboa a Faro, onde tinha chegado pouco depois das 13 horas. Não sabia quem teria trabalhado com o tractor que provocou o acidente.

Aos outros suspeitos, quando Veríssimo lhes perguntou o que haviam feito no dia anterior, não falou no acidente com o tractor.

Jorge Patação afirmou que no dia anterior não trabalhara e que passara o dia todo em casa. Não tinha testemunhas, apenas a mulher. Por isso não tinha estado em Santa Catarina da Fonte do Bispo nem tinha nada a ver com acidentes com tractores.

Firmino Viegas, quando interrogado, afirmou que no dia anterior tinha ido a Faro, onde fizera uns exames, e a uma consulta com um cardiologista que lhe disse que tinha o coração em muito mau estado pelo que devia ter muito cuidado. Mostrou os recibos da consulta, que ainda tinha consigo.

Alfredo Bodião disse que não tinha ido trabalhar no dia anterior; fora logo pela manhã com o tractor para Moncarapacho para o levar a uma oficina de ferreiro para fazer a reparação dos formões do arado, que já estavam muito rombas e tortas, e colocar uns reforças nas aivecas, que já estavam muito gastas. Não tinha facturas porque iria pagar no final do mês, mas a alfaia estava ali mesmo junto deles e o sargento podia confirmar que o trabalho referido tinha sido feito havia pouco tempo.

A mulher de Jorge Patação afirmou que saíra de casa cedo, ainda não eram 6 horas, para ir trabalhar perto de Quelfes; o marido ainda ficara na cama e quando voltou, eram já 19 horas, encontrou o marido

a rachar lenha. Veríssimo, que se tinha deslocado a Moncarapacho verificou que havia lenha rachada recentemente, uns vinte ou trinta tarolos, na casa do suspeito.

Quando Veríssimo acabou o seu relato, São Paulo segredou algo ao ouvido de São Pedro e este dirigindo-se ao espírito de um dos suspeitos disse:

– Tu mentiste, vais para baixo.

Quem teria sido ele?

A – Alfredo Bodião

B – Jorge Patacão

C – Firmino Viegas

D – Tiago Fonseca

***Policiário nº 1017 – Público de 16 de Janeiro de 2011***

## SOLUÇÃO

O culpado pelo acidente é aquele que está abrangido pela alínea b).

Ele afirmou que tinha estado todo o dia em casa e que, por isso, não tinha ido a Santa Catarina da Fonte do Bispo nem tinha nada a ver com acidentes de tractores.

Ora, se ninguém havia falado no acidente em Santa Catarina, como sabia ele do assunto?

Quando chega a casa, a mulher dele encontra-o a rachar lenha, mas o sargento Veríssimo constatou que a lenha cortada não passava de uma vintena de tarolos, o que é muito pouco para quem leva o dia a cortar lenha.

Em virtude de já termos o nosso culpado, podemos ilibar todos os outros suspeitos.

*Policário nº 1022 – Público de 20 de Fevereiro de 2011*



**CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2011**

**PROVA Nº 2**

**PARTE I**

**TEMPICOS E A VIÚVA ALEGRE**

**Original de A. RAPOSO & LENA**

**PARTE II**

**QUE ESTRANHA PESCARIA!...**

**Original de INSPECTOR BOAVIDA**



## TEMPICOS E A VIÚVA ALEGRE

### Original de A. RAPOSO & LENA

Caro leitor, não sei se me conhece: sou o Tempicos. Detective Tempicos.

Há muito que deixei a Judiciária e hoje vivo de recordações.

Porém, ainda no passado Verão fui convidado a passar o mês de Agosto na mansão do meu amigo John Anderson, que foi meu colega quando andei na Universidade de Oxford. A passear os livros, diga-se em abono da verdade...

Acontece que ele é o herdeiro do velho Lord Anderson, seu avô, e possui uma mansão a norte de Londres, virada a sul, que é cópia fiel daquela chamada de Ellingham Hall em Suffolk (onde Assange, do Wikileaks, se refugiou quando saiu da prisão inglesa). Estão a seguir a minha explicação?

Em tempos o colega Anderson encomendou-me e eu mandei fazer uma estátua, cópia da que está na Batalha, em homenagem ao Nuno Álvares. É certo que o avô do meu amigo é um personagem posterior em alguns séculos ao nosso bom Nuno.

Mas ao Anderson isso era acessório e ele queria que o seu avô fosse como o outro. Encomendei a estátua e até o pedestal. Só mudei o escudo e o nome do herói. Tudo o resto foi cópia e como tal até saiu mais barato...

O avô Anderson era um jogador de espada do seu tempo e isso fez com que o meu amigo visse as semelhanças. Eu achei um exagero mas não o contrariei.

No início de Agosto lá fui eu, de avião, até Inglaterra, vi a estátua que ficava a destoar do conjunto do edifício pois fora colocada em frente à porta principal da mansão. Parecia que o cavalo e cavaleiro queriam entrar pela porta dentro...

Ainda aguentei alguns dias à conta do amigo mas acabei regressando mais cedo dado que o ambiente não me estava a agradar. Isto porque estava lá um pessoal um bocado abichanado. Um tal conde Romanoff dos ballets russos e um fotógrafo muito na berra de nome Hervé. Sobre o meu amigo Anderson eu também já não poria as mãos no fogo!

O que animou mais a estadia foi a presença de uma “tia”, muito bem recauchutada, que eu apelidava de viúva-alegre e que me ocupou uns serões. O seu nome era Lilly e tinha uma fortuna enorme. Uma mulher que telefonava à noite para o meu quarto a pedir ajuda para lhe descalçar as longas botas de

montar. Eu garanto que nunca vira cavalos lá pela propriedade, mas cada um veste e calça do que gosta. Que até a ela lhe ficava bem. Botas pretas e lingerie vermelha!

Na despedida, pois ambos viemos embora, como prenda ofereceu-me o quadro do Picasso *Demoiselles d'Avignon*, um quadro pequeno mas que vale uma pipa de massa. Não ia recusar, parecia mal. Não há dúvida que as mulheres gostam de me apaparicar. Porque será?

Estava ainda na mansão um casal catalão de nome Barbacena.

Quando já regressara recebi uma carta do dono da mansão a contar o que se passara entretanto, após a minha partida. Tinha havido um crime! Romanoff fora morto.

Quando este conduzia o carro cedido pelo proprietário e que estava ao serviço dos visitantes para darem as suas voltinhas, fora atingido com um tiro na cabeça que lhe dera morte imediata. Romanoff vinha de dar um passeio pelas redondezas e antes de chegar à porta principal estava morto. O veículo andara mais uns metros e parara por falta de pressão no acelerador.

A mansão estava cercada por um bom pedaço de terreno, com pouca vegetação e a propriedade estava rodeada por forte e alto gradeamento, o que não facilitava potenciais assaltantes vindos do exterior.

Um forte portão de ferro dava acesso à propriedade. Uma estrada de terra batida ligava o portão até à mansão, subindo em direcção à ala nascente, atravessava a frente do corpo central do edifício e circundava a ala poente, e acabava numa pequena praceta nas traseiras. Os quartos da criadaçom ocupavam os pisos mais altos do corpo central do edifício. Os quartos dos hóspedes e do dono as laterais no rés-do-chão do edifício.

Pensou-se que alguém poderia ter atingido Romanoff de fora da propriedade com espingarda de longo alcance e mira. Mas eram hipóteses. Os vidros das portas do carro estavam descidos excepto o do lugar ao lado do condutor. Nenhuma beliscadura havia no veículo.

Anderson enviara junto à carta a foto da estátua do seu avô (uma recordação da estadia de Tempicos, dissera...). Tempicos fixou-se na foto da estátua do inglês e sentiu alguns remorsos por ter entrado naquela alhada, mas a cópia da estátua era tão perfeita, tão igual, à que estava junto ao Mosteiro da Batalha. A sombra da espada que o avô brandia projectava a sombra no chão, do lado direito do cavaleiro.

Romanoff fora morto cerca das dez da manhã e alguns serviçais ouviram o tiro e vieram ver o que se passava. Precisava a carta:

Hervé disse que estivera nessa manhã a tirar fotos da casa, do jardim, da estátua, do interior da casa, quartos e salões e não ouvira qualquer tiro, nem dera pela chegada do carro. De tarde descansara após

o almoço e só se levantara ao fim da tarde.

Anderson estivera toda a manhã no quarto a pôr umas contas em ordem e a tarde gastou-a tratando da estufa de plantas nas traseiras da mansão.

O casal catalão estivera de manhã a jogar bilhar no salão de jogos, nada ouviram e de tarde estivera a ler na biblioteca. Os criados confirmaram.

Anexo à carta vinha uma indicação da posição dos quartos e a foto feita por Hervé:

Na ala leste estava Hervé no quarto lilás e Romanoff no quarto rosa.

Na ala oeste Anderson no quarto azul e o casal catalão na cinza.

Tempicos andava com as células cinzentas muito ferrugentas, por falta de uso. Só pensava no bem-bom e numas férias na praia da Rocha à conta da oferta da viúva Lilly. Lá pela praia costumava pescar belas trutas dos mares do Norte...

Aliás, com tempo e disposição iria analisar melhor o caso relatado pelo seu amigo Anderson e descobriria o que se passara na mansão inglesa, tal como os nossos confrades policíaristas terão que fazer.

***Policário nº 1020 – Público de 6 de Fevereiro de 2011***

## SOLUÇÃO

O quadro do Picasso Les Demoiselles d'Avignon está muito sossegadinho numa parede do Museu Moma de Nova Iorque, ocupando uma parede no seu tamanho de mais de dois metros de lado; não é um pequeno quadro. Tempicos foi contemplado pela sua amiga Lilly com uma falsificação, sem valor.

Não há dúvida que foi bem “enrolado”...

Analisemos o crime que aconteceu na mansão do amigo inglês do Tempicos.

O bailarino Romanoff foi morto por tiro dado a curta distância e por alguém perto da ala leste da vivenda. Sabendo que os quartos dos hóspedes ficam ao nível do rés-do-chão, até seria possível disparar de dentro de um quarto, com a janela aberta.

A estradinha de acesso à casa corre junto ao edifício e vem da rua em direcção à ala nascente. Depois corta à esquerda seguindo paralela à casa, rodeia a ala oeste e acaba numa praca já nas traseiras.

Se o veículo ficou imobilizado entre a porta principal e a estátua, então alguém através dos quartos da ala nascente poderia ter disparado. Entre a vítima e o atirador poucos metros os separariam.

Lembramos que na ala esquerda ficavam os quartos da vítima e de Hervé.

Sabe-se que no Reino Unido a condução é pela esquerda e o condutor ocupa o lado direito do veículo. Como sabemos também, a viatura dirigia-se a casa tendo o vidro do lado sul – do lado oposto ao condutor – subido. Daí não poderia ter vindo o tiro, pois o veículo estava incólume. Do lado do condutor estava aberto o vidro e foi por aí que a bala entrou sem provocar qualquer perda na viatura.

Se a mansão estava virada a sul (diz-se na prova) o cavalo da estátua marcharia para norte e havendo sombra projectada no chão obtida pela espada do cavaleiro isso obriga a que a foto tivesse sido obtida obrigatoriamente da parte da tarde.

Hervé, que foi o autor da foto, mente dizendo que as fez de manhã.

Com que interesse? Mascarar e dar-lhe um alibi para a parte da manhã.

Porém, mesmo à distância, Tempicos apanhou um mentiroso. Se foi ele que matou ainda não temos a sua confissão mas a polícia inglesa tem fama e qualidade. Depressa incriminará o fotógrafo, até porque haveria por ali um motivo de ciúmes entre ele e Romanoff por causa do Anderson. As tais cenas “abichanadas” que o problema policial dá a entender.

A perder ficou Tempicos que já estava a pensar vender o tal quadro de Picasso; a ele também lhe saiu o tiro pela culatra.

*Policiário nº 1030 – Público de 17 de Abril de 2011*

## QUE ESTRANHA PESCARIA!...

### Original de INSPECTOR BOAVIDA

Angélica andava inconsolável. Há cinco dias que não via o seu novo namorado, nem ele dava sinais de vida. A última vez que estivera com ele fora junto à margem do rio, num sábado de sol radioso. O Jorge não era muito popular no lugar. Arrastava consigo um passado de pequenos delitos nas redondezas e de discussões e confrontos violentos quase constantes com a gente da terra, não se lhe conhecendo um emprego, uma ocupação digna. Mas Angélica perdera-se de amores por ele, deixando para trás um namoro de cinco anos com um rapaz pacato e trabalhador, de bom trato e querido por todos, carinhosamente tratado por Zezinho. Mas o Jorge era especial.

Jorge, na intimidade, era meigo, terno, de falas doces... e beijava como ninguém! Naquele passado sábado, Angélica experimentara sensações nunca antes vividas em toda a sua vida de 18 inocentes anos.

Embalada pelo borbulhar das sempre mansas e baixas águas do rio e aconchegada pelos quentes raios de sol que pincelavam de ouro o fresco verde das árvores, ela deixara-se ir ao fundo dos sonhos em que mergulhara na tarde calma. Se alguém que não os pássaros ou os peixes pudesse testemunhar o que acontecera no chão verdejante, por entre duas árvores frondosas que não deixavam ver o céu, Angélica seria desgraçada na boca do povo.

Por volta das seis da tarde ela regressou a casa, para não faltar ao prometido a seu pai. Mas cedo se arrependera. Quando lá chegou, ele ainda não tinha voltado da taberna do Chico da Nora, onde os homens mais velhos da terra gastam o seu tempo livre. Ainda pensou voltar de novo ao rio, ao leito de erva macia onde se abandonara aos braços fortes do Jorge, mas teve receio de se cruzar com o seu velho pai. Mal ela sabia que já corriam rumores do que se passara durante a tarde junto ao rio.

Algum tempo depois, o pai entrou em casa desvairado, gritando que nem um doido “Acabou-se! Acabou-se!” E ela ali sozinha, sem poder contar com a defesa do seu Jorge.

Durante cinco dias, Angélica chorou a vergonha e a solidão.

O pai, quando não estava em trabalho no campo ou a afogar as mágoas ao balcão do Chico da Nora, não se cansava de a amaldiçoar. Ele, que tudo fizera para que ela escolhesse um de três rapazes da terra, que dela tanto gostavam, jamais aceitou o Jorge como genro. Zezinho era o seu preferido e ele quase casou com ela. Mas os outros dois também não eram moços de deitar fora. Um deles, o Jonas, tinha

fama de brigão quando bebia uns copos, mas nem por isso deixaria de merecer a sua bênção de sogro. Assim como o outro, o Beto, rapaz robusto, muito amigo de trabalhar, embora pouco brilhante de cabeça.

Foi Beto quem anunciou a descoberta de Jorge... morto! Segundo contou, chegara cedo à margem do rio, por volta das sete da manhã e por lá ficara durante quatro horas, na pesca. Quando fez aquele que seria o último lançamento, sentiu a linha presa e temeu perder a sua chumbada da sorte, uma espécie de talismã que sempre lhe garantia grandes pescarias. Aventurou-se rio adentro, depois de largar na margem as roupas que o cobriam, e... ficou aterrorizado com o pescado. O anzol ficou preso nas costas do Jorge, que jazia no fundo do rio. Sem grande custo, puxou o corpo do rapaz para terra. Mas nada havia a fazer. Restava-lhe telefonar para o 112. E assim fez.

O aparato levou quase toda a gente da terra até ao local, que por lá ficou até quase à noitinha. O subchefe Pinguinhas, que por lá gozava alguns dias de férias, também apareceu. Angélica desfez-se em pranto, gritando a sua paixão por Jorge. O pai parecia pouco impressionado com a ocorrência, como se desejasse secretamente aquele desfecho. Zezinho olhava ternamente para a rapariga e deixava transparecer uma imensa tristeza nos seus verdes olhos marejados. Jonas olhava o rio com ar de quem se havia perdido num qualquer pensamento agradável. Beto, rodeado por um magote de gente que queria saber pormenores da sua aventura, não se cansava de contar o sucedido.

O subchefe Pinguinhas aproximou-se do grupo que rodeava Beto, ouvindo pela enésima vez o relato daquela estranha pescaria. "...O Jorge tinha uma corda atada à cintura, com uma pedra numa das pontas que o puxava para o fundo do leito. Cortei a corda com a faca da pesca e trouxe-o para cima. O pobre coitado tinha a nuca toda amassada e coberta de sangue. Já não lhe podia valer. O seu corpo estava já cadáver. Os homens do INEM disseram não ter dúvidas de que o Jorge esteve para aí uns quatro ou cinco dias dentro de água, não só pelo arroxeadado do rosto, mas também pelo facto da sua roupa apresentar-se já quase sem cor devido à longa imersão."

Afastado da "plateia" que ouvia o relato de Beto, o pai de Angélica olhava o fundo do rio e esboçava um sorriso enigmático. "Coitado do rapaz" – disse-lhe Pinguinhas, que ficou atónito com a resposta. "Coitado?! Não faz cá falta nenhuma neste mundo. Espero que arda no inferno".

Zezinho aproximou-se da rapariga, tentando confortá-la: "Não chores, Angélica. Ele não merece as tuas lágrimas. Era um pulha. Eu continuo a gostar de ti. Vou ficar sempre à tua espera." A rapariga ignorou-o e desatou de novo num choro convulsivo, ao mesmo tempo que Jonas gritava de raiva e a plenos pulmões: "Ele era um grande tubarão. Agora é um pequeno peixe... podre!"

Um dos homens da terra tinha que dar grandes explicações à polícia sobre a morte do Jorge.



Qual deles?

A – O pai de Angélica

B – O Zezinho

C – O Beto

D – O Jonas

*Policário nº 1021 – Público de 13 de Fevereiro de 2011*

## SOLUÇÃO

Resposta certa: alínea C.

É verdade que o pai de Angélica chegou a casa gritando, no dia em que Jorge fora visto pela última vez: “Acabou-se! Acabou-se!”

Mas isso poderá apenas indiciar que ele soubera o que se passara nessa tarde na margem do rio e decidira acabar de vez com aquele namoro da filha.

Não podemos concluir que ele matara Jorge! Da mesma forma que não podemos concluir que o facto de o pai de Angélica, Jonas e Zezinho não se condoerem com a morte de Jorge significa que eles tiveram algo a ver com a sua morte. Apenas detestavam o rapaz e... pronto!

Já quanto ao Beto, este teria que dar muitas e grandes explicações à polícia.

É certo que Beto podia muito bem ter descoberto o corpo e içá-lo do fundo do rio com os seus próprios braços, como diz.

Beto é robusto e o rio é pouco fundo e o seu leito estável. Mas ele tinha que explicar como é que era possível haver sangue na cabeça de um cadáver que esteve submerso nas águas do rio durante quatro ou cinco dias, como sustentavam os homens do INEM.

Se isso fosse verdade, não podia haver sangue na cabeça do morto (a água tê-lo-ia feito desaparecer durante esse período de imersão).

Note-se que, mesmo que os homens do INEM estivessem enganados quanto ao número de dias em que o corpo de Jorge esteve submerso (ou Beto não estivesse a relatar com verdade o que eles haviam alegadamente dito sobre o assunto), o certo é que o cadáver esteve pelo menos quatro horas no fundo do rio (Beto disse que esteve durante quatro horas na pesca e que pescou o morto quando se preparava para dar por finda a sua pescaria!) e bastaria esse período de tempo para que fosse completamente impossível a presença de sangue na cabeça do cadáver.

Note-se ainda que o cadáver não podia ter sido lançado ao rio por alguém que não o Beto durante o tempo em que este estivera a pescar, sem que essa ocorrência escapasse ao seu olhar.

Por outro lado, o corpo do Jorge não podia ter sido depositado nas águas noutra local do rio, sendo depois arrastado pela corrente até ao lugar onde estava o Beto, uma vez que o cadáver estava amarrado a uma corda com uma pedra presa numa das pontas que o puxava para o fundo e as águas do leito eram... “sempre mansas”.

Por último, e sabendo nós que Beto é um rapaz “muito amigo de trabalhar”, talvez fosse conveniente que ele explicasse também porque se encontrava na pesca num dia de trabalho (quinta-feira, cinco dias

depois de sábado!).

Na verdade, como se diz aliás no enunciado do problema, o Beto não é “muito brilhante de cabeça”. E foi isso que facilitou a tarefa dos leitores-detectives do PÚBLICO-Policiário: era ele a pessoa que tinha que dar grandes explicações à polícia.

***Policiário nº 1030 – Público de 17 de Abril de 2011***



**CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2011**

**PROVA Nº 3**

**PARTE I**

**APRENDIZ DE CRIMINOSO**

**Original de FELIZARDO LOPES**

**PARTE II**

**DESVIARAM UM AUTOTANQUE**

**Original de RIP KIRBY**



## APRENDIZ DE CRIMINOSO

### Original de FELIZARDO LOPES

Eu não era, nunca fora, um ladrão, ou de qualquer outra forma um infractor das normas que regem a sociedade – salvo, claro, aqueles pouco significativos pecadilhos que todos nós uma vez ou outra cometemos. Mas a vida, melhor, as suas vicissitudes e ironias do destino tem destas coisas. E agora ali estava, não o Fernando Simplício que sempre fora, mas o preso 1432, a minha nova identificação neste estabelecimento prisional onde me encontro a cumprir a pena a que fui condenado...

A transposição da existência modesta, difícil mas honesta, para o lado da marginalidade cujo ferrete passei a carregar ao ser julgado e condenado, ocorreu num ápice – foi um rápido transpor da fronteira do bem para o mal. A sociedade estigmatiza facilmente aqueles que, como eu, infringem as suas regras. Não que alguns não o mereçam, pela gravidade e para reiteração dos seus crimes, mas casos há que deviam merecer um pouco mais de atenção e compreensão (digo eu, talvez a puxar a brasa à minha sardinha...). É que, actos de roubar e matar são sempre crime, seja como e por quem forem cometidos, mas muitas vezes quanto diferentes são nas suas motivações, gravidade e responsabilidade...

Mas aqui, na prisão, encontram-se todos, o assassino sem escrúpulos nem sentimentos; aquele que matou acidentalmente ou em defesa própria e dos seus; aquele que roubou insignificâncias, em momentos de desespero, para poder dar de comer aos filhos; e os que o fazem aos milhões (neste caso não roubar, mas “desviar”, embora estes, há que dizê-lo, passem muito pouco por aqui, não porque não sejam muitos...); os burlões que, sem qualquer réstia de escrúpulos, se apoderam das economias de toda uma vida de idosos crédulos que se deixam levar nos seus “contos”, etc., etc.

Aconteceu. Sempre, como disse, me pautara por uma conduta séria de vida. Até que um dia... Perdera o emprego, já há algum tempo. A idade – e a crise – dificultaram o que noutros tempos não teria constituído drama. Os problemas foram-se avolumando, reduzindo as esperanças e cimentando o desespero...

Vira na televisão a notícia de que os bancos haviam registado lucros de muitos milhões... A ideia surgiu-me – e se... Repudiei-a, primeiro, mas ela foi-se infiltrando, avolumando... E, de um momento para o outro, aconteceu...

No banco, tremendo perante o caixa, apontei-lhe a arma e ordenei-lhe que me entregasse todas as

notas. Há, na vida, momentos de sorte e de azar. Comecei por desfrutar da primeira, duplamente: assaltante primário, não programei aquele acto para qualquer momento mais propício, mas o acaso acabou por me proporcionar uma “receita” significativa porque, minutos antes, se havia registado uma operação de depósito em numerário de razoável valor; depois também porque a fuga, imediatamente encetada na motorizada que deixara no exterior, decorreu com êxito – não obstante ter sido presenciada por algumas pessoas que se aperceberam da situação.

O reverso da medalha chegou porém pouco depois, como receava. Através de informações transmitidas por aquelas pessoas e pelo caixa do banco, relativas ao meu aspecto físico, idade aparentada, indumentária, forma como me transporte, etc. – e não sei se ainda por outros motivos – no dia seguinte fui preso. O azar, o reverso, começara.

Antes tive o cuidado de esconder as notas. Fui pressionado, quase até ao limite, durante bastante tempo, para confessar o seu paradeiro. Resisti sempre, e eles também não as encontraram. Imaginei então que, não sendo descoberto o produto do roubo, faltando a sua prova material, a condenação não poderia ser muito gravosa. Recordava alguns casos semelhantes de que havia tomado conhecimento pela imprensa (recordam-se do caso da Joana Cipriano, menina desaparecida em Tavira, cuja mãe, acusada de a ter morto, nunca confessou?).

Hoje já tenho dúvidas se, com essa atitude, procedi bem ou mal; fui julgado e não deixei, por isso, de ser condenado – o que com aquela também aconteceu... Os factores incriminatórios eram bastantes, e foram considerados suficientes.

E aqui estou hoje, nesta prisão, autêntico ABC do crime, a expiar a minha pena. Nestas casas quem entra primário sai muitas vezes “diplomado” nas mais diversas técnicas da vida marginal, porque nos confrontamos aqui com todos os tipos da pior condição humana: assassinos, ladrões profissionais, burlões, falsários, traficantes, chantagistas, tudo. E nas horas de convívio conjunto, ao longo dos dias, meses, anos a escutar conversas, narrativas de experiências – e como alguns fazem gala em exaltar os seus “feitos”! – vai-se adquirindo um caudal de conhecimentos das actividades marginais, mesmo que não os desejemos especialmente, que transformam muitas vezes as personalidades de mente mais fraca. É o carteirista que ensina como “palmar uns cabedais aos guiras, no montado” (roubar carteiras aos turistas, no eléctrico); o ladrão de carros, com quem se pode aprender não só a técnica de os roubar (abrir as fechaduras e fazer as ligações directas) de uma forma simples, mas também ficar a conhecer quais as marcas mais vulneráveis para o efeito; o burlão que se vangloria dos seus vastos conhecimentos quanto à forma de enganar o próximo (e algumas fórmulas são tão engenhosas!); o traficante de droga que dá algumas pistas sobre o exercício da actividade e que, se estivermos interessados, mesmo no



interior da cadeia nos fornece, etc.

Um outro, “hóspede” recente, surpreendeu-me pela riqueza dos seus conhecimentos, que não faz reбуço em exibir e transmitir, numa área que para mim era pouco conhecida: a das escritas secretas, tintas invisíveis – vulgo “simpáticas” (sabiam que escrevendo com sumo de limão o texto fica invisível, reaparecendo quando submetido ao calor?), criptografadas, etc. Porque achei a matéria muito interessante tenho “forçado” umas aulas práticas, que ele, reconhecido pela atenção do principiante, me tem ministrado com evidente lisonja.

Já aprendi um razoável número de coisas na área. É interessante e, sobretudo, ajuda a passar o tempo, que até é tão longo... Resolvi entretanto fazer agora, sozinho, umas experiências práticas para testar os conhecimentos adquiridos.

Resultou bem. Acabo de construir a seguinte mensagem criptográfica que depois de decodificada revela o local onde escondi o produto do roubo: NSATOLEIOSOERHLSTOIRVOEOATNIETVR.

Todavia, porque tal revelação não pode cair em mãos estranhas (segredo que tanto me custou a preservar!), vou destruí-la, queimando-a amanhã, no exterior da cela, durante o recreio.

Não interessa agora como este texto veio cair aqui. Interessa, sim, saber se os nossos amigos “detectives” do PÚBLICO Policiário conseguem ou não obter a revelação que ali é feita, sendo que, no mesmo, encontra-se tudo quanto é necessário para decodificar com êxito tal mensagem. Leiam-no com atenção, interpretem, encontrem as directrizes e... boa sorte.

***Policiário nº 1024 – Público de 6 de Março de 2011***

## SOLUÇÃO

Uma mensagem criptográfica decifra-se a partir da identificação do método e da chave utilizados. Neste caso a missão não se apresentava difícil porquanto na “história” onde ela se encontra inserida (que se recomendava que fosse lida com atenção e interpretada para encontrar as directrizes, lembrem-se?), aqueles elementos estão muito acessíveis através da palavra transposição (identificadora do método, um dos mais conhecidos da criptografia) e do conjunto numérico 1432 (a chave, também de execução simples).

Mais: lá está ainda uma referência a ABC do crime, uma clara pista a apontar o ABC Policial, de A. Varatojo (nº 3), onde o método de transposição é apresentado e exemplificado.

Posto isto:

a) A mensagem a decodificar possui 32 caracteres, a saber:

NATOSTOSANIOTIREOEVLTOHEVELIROS

b) O método utilizado é o da transposição;

c) A chave é composta por quatro algarismos: 1432.

Decifrando, comecemos por decompor os 32 caracteres em 8 grupos de 4 cada (pois tantos são os dígitos da chave) efectuando a transposição vertical dos caracteres, de acordo com o que a chave (1432) determina:

1432

NATO

STOS

ANIO

TIRE

OEVR

LTOH

EVEL

IROS

Ora, aplicando a chave 1432, em que cada algarismo indica a posição da respectiva letra na palavra, a primeira linha apura N (1), O (2), T (3) e A (4). A segunda linha dá S (1), S (2), O (3) e T (4) e assim por diante.

No final obtemos:

NOTASSOTAINTERIORVELHOTELVISOR.

Separando as palavras de modo a tornar a frase inteligível:

NOTAS SÓTÃO INTERIOR VELHO TELEVISOR.

*Policiário nº 1031 – Público de 24 de Abril de 2011*



## DESVIARAM UM AUTOTANQUE

### Original de RIP KIRBY

Eu não sei de nada, eu não estava lá, eu não vi nada.

O que sei é aquilo que me contaram, mas não posso afirmar que isso seja verdade.

A história que me contaram foi que um autotanque carregado de vinho havia saído, às 12 horas, da Vidigueira com destino a Setúbal. Trinta minutos depois de ter saído da Vidigueira, Armando Garrocho, 30 anos, motorista do autotanque, residente perto da Vidigueira, telefonou para a adega de onde saíra para informar que o veículo lhe havia sido roubado.

As autoridades foram imediatamente alertadas e em breve as estradas das redondezas eram percorridas, em todos os sentidos, por carros da Brigada de Trânsito da GNR. Também patrulhas desta corporação a pé e a cavalo vasculhavam todos os recantos desse imenso Alentejo.

Interrogado sobre o incidente, o motorista disse que tinha parado num café para beber uma bica e comprar tabaco quando de repente ouviu o motor do seu veículo a trabalhar.

Correu até à porta do café mas já não lhe foi possível impedir o roubo.

A uma pergunta que lhe foi feita nesse sentido respondeu que os assaltantes eram três e que ainda os conseguiu reconhecer, passando a citar os seus nomes:

Joaquim Carranca, 40 anos, motorista desempregado; Manuel Bailador, 25 anos, sem profissão e desempregado crónico; e Francisco Parreirinha, 28 anos, carteiro, todos residentes na Vidigueira.

Interrogados, Carranca disse que tinha ido a Arraiolos de manhã cedo só tendo regressado depois das 18 horas. Não era para ter demorado tanto, mas estivera esperando uma boleia do seu compadre António Bonifácio, o que este confirmou.

Bailador afirmou que tinha passado toda a manhã na Ribeira tentando apanhar uns peixinhos que lhe dessem para comprar tabaco. Não viu ninguém e também lhe parecia que ninguém o tinha visto, pois estivera sempre abrigado do sol debaixo de um chaparro.

Parreirinha contou que estivera desde as 9 horas na estação dos Correios separando a correspondência para a entrega. Às 10 horas, como de costume, iniciou o seu giro entregando o correio parando aqui e ali para dois dedos de conversa com alguns amigos que ia encontrando aqui e ali.

Às 12 horas terminou a volta tendo regressado à estação onde prestou contas do seu serviço, o que

demorou cerca de 45 minutos. A funcionária com quem tinha que acertar as contas do dia estava a ser sempre interrompida ora por clientes ora pelo telefone, o que demorou mais o serviço.

Estas declarações foram confirmadas pela funcionária da Estação do Correios. Quando saiu dali foi almoçar.

Finalmente, depois de três ou quatro dias de buscas, a unidade tractora do autotanque apareceu escondida sob um pinheiro enorme, mas do reboque nem sinais. Para tentar encontrar pistas foi chamada a polícia científica que encontrou o interior da cabine impecavelmente limpo. Não havia qualquer sinal de poeira.

Em todos os objectos em que normalmente o condutor teria que tocar por este ou por aquele motivo – volante, alavanca de mudanças, travão de mão, porta-luvas, etc., etc. – não havia qualquer sinal de impressões digitais.

Sobre o banco do condutor foi encontrado um pano de flanela e depois de mais algumas buscas acabaram por ser descobertas uma impressão digital, de uma mão relativamente pequena sobre o assento do condutor, e outras semelhantes no manípulo exterior da porta do lado esquerdo.

As impressões encontradas foram comparadas com a de todos os suspeitos, mas não tinham semelhança alguma.

Falando meio a brincar meio a sério, um dos polícias lembrou:

“Então e se comparássemos essas impressões digitais com as da mulher do Garrocho?”

Pergunta-se: quem teria desviado o autotanque da sua rota?

A – Armando

B – Joaquim

C – Bailador

D – Parreirinha

***Policiário nº 1025 – Público de 13 de Março de 2011***

## SOLUÇÃO

A resposta certa só pode ser a que está contida na alínea A).

O interior da cabine foi todo limpo, o que fez desaparecer as impressões digitais do seu habitual condutor.

Poderia pensar-se que essa limpeza fora feita pelos ladrões para não serem reconhecidos pelas suas impressões digitais, porém quem fez a limpeza foi a mulher do condutor que se descuidou e deixou uma no banco do condutor e outra no manípulo exterior da porta do lado esquerdo.

Como ela não está indiciada como suspeita no roubo do auto-tanque, o larápio só pode ser o seu marido que depois lhe ordenou que limpasse o interior da cabine.

Tanta higiene acabou por o perder.

Portanto, a solução é, sem dúvida: alínea A.

*Policiário nº 1031 – Público de 24 de Abril de 2011*





**CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2011**

**PROVA Nº 4**

**PARTE I**

**SMALUCO E O PERIGOSO BOMBISTA**

**Original de INSPECTOR BOAVIDA**

**PARTE II**

**O MISTÉRIO DA BALA TRANSVIADA**

**Original de PENEDO RACHADO**



## SMALUCO E O PERIGOSO BOMBISTA

### Original de INSPECTOR BOAVIDA

Natália está de volta à prisão e Smaluco de regresso ao desconsolo de um quotidiano triste, cinzento, amargo. Vai recomeçar o fadário de idas e vindas entre Lisboa e Tires para um reencontro diário sem alento, sem chama. Os 15 dias de licença precária de Natália souberam a pouco, mas foram mais saborosos do que os muitos anos em que os dois andaram mutuamente perdidos. Agora, com as grades do cárcere a separá-los, resta pouco mais do que recordar estes curtos dias de liberdade e as loucas aventuras dos primeiros anos em que viveram a paixão que os une desde que os seus olhares se cruzaram pela primeira vez, nos idos de 1974, em pleno PREC.

Os tempos conturbados, mas gloriosos e eufóricos, que se seguiram à Revolução dos Cravos foram os que deixaram mais marcas memoráveis nas vidas dos dois amantes. A amargura, o desânimo e a apatia que se vivia em todo o país, fruto de mais de quatro décadas desbaratadas pelo Estado Novo, haviam dado lugar ao sonho de um futuro mais justo, mais solidário, mais humanista. Eles andavam duplamente inebriados, pelo amor e pela revolução. Era raro o dia em que não se juntavam ao povo para festejar nas ruas o fim da guerra ou para gritar em defesa dos militares de Abril sempre que surgiam notícias de ameaças internas ou externas à liberdade reconquistada.

Em Julho de 1974, poucos dias depois dos cravos inundarem de novo as ruas de quase todo o país, em mais uma manifestação de apoio ao MFA, chegaram à Judiciária notícias de que um perigoso bombista italiano perito em disfarces e falsificações se preparava para perpetrar um atentado terrorista em Lisboa. Segundo as autoridades responsáveis pelo controlo e segurança das nossas fronteiras, haviam entrado em Portugal cinco dezenas de cidadãos estrangeiros, que urgia colocar sob vigilância. Todos os agentes disponíveis foram convocados para aquela missão. Até Smaluco, que normalmente se ocupava apenas de pequenos delitos, foi chamado a intervir.

Disfarçado de turista brasileiro em lua-de-mel, Smaluco hospedou-se numa luxuosa unidade hoteleira da capital onde haviam sido sinalizados três dos suspeitos: um judeu, um francês e um espanhol. A gravidade do caso exigia celeridade, descrição e perspicácia. Manhã cedo, já ele circulava pelos espaços comuns do hotel, abraçado à sua jovem namorada Natália, que se dispôs a acompanhá-lo. O judeu Aki Abdul madrugara. Acabara de tomar o pequeno-almoço e preparava-se para colocar a

leitura em dia. Sentou-se num confortável sofá, no lobby, colocou um jornal sobre a mesinha de apoio, retirou do bolso do casaco os óculos de lentes grossas e aros finos e ignorou Smaluco.

De pé, apoiado nas costas do sofá, Smaluco não desistiu da tentativa de abordagem. O homem continuou a leitura. Natália, que se aproximara do sofá, de frente para ele, deixou escapar um “Ah!” quando, ao seguir com o seu olhar, da direita para a esquerda, o movimento rápido do dedo que acompanhava as linhas do jornal, reparou na sujidade escondida por debaixo do verniz que cobria as unhas do homem. Num gesto abrupto, Aki Abdul tirou os óculos, olhou em frente e “rosnou” num inglês impecável: “Quer alguma coisa?” A resposta surgiu-lhe nas costas, pela voz de Smaluco: “Desculpe, não queremos incomodar.” “Mas já incomodaram!” – sentenciou o homem.

A situação foi desanuviada pelo ar quase angélico de Natália, que se apresentou como atriz e manifestou interesse em recolher informações sobre os principais acontecimentos culturais da terra de Aki, designadamente o que se relaciona com as artes de palco: “Soubemos que é natural de Tel Aviv e, como vamos para lá nos próximos dias, ousámos abordá-lo.” O judeu retorquiu: “Lamento desiludi-la. A minha cidade possui um grande significado histórico e religioso, mas é desprovida de interesses culturais relevantes.” E mergulhou de novo na leitura dos caracteres hebraicos. “Oh, que pena!” – disse Natália, afastando-se com uma gargalhada.

O francês Jean-Pierre parecia bem mais agradável. Jovem, atraente, vestido de forma bastante informal, de jeans, sapatos desportivos e t-shirt azul com a Torre de Piza no peito, estava encostado ao umbral de uma janela a admirar a paisagem. Natália dirigiu-se-lhe com um “Ói! Tudo bem?”, num português adocicado pelo sotaque e pela delicadeza colocada na voz. O francês não resistiu. Num estranho linguajar, um misto de italiano e castelhano com cambiantes de catalão, o rapaz replicou, sorrindo: “Tudo bem, sim. Estou aqui olhando quem passa... Posso ajudar?” Smaluco interveio: “Pode sim. Vamos amanhã para Paris. Pode dar-nos algumas sugestões de locais a visitar?”

Provocante, Natália aproximou-se mais de Jean-Pierre e sussurrou: “Sabemos onde nasceu. O pessoal da recepção é linguarudo. Só temos três dias para visitar Paris. Ajude-nos.” Natália quase se enroscou no pescoço do francês. Ele estava deslumbrado e, ao mesmo tempo, perplexo com o atrevimento. Um nervosismo estranho tomou conta da sua voz, mas lá foi dizendo: “Bom. Paris... tem... muitos encantos. A Torre Eiffel... o Arco do Triunfo... o Museu do Louvre.” Natália estava cada vez mais perto do rapaz, respirando quase junto ao seu pescoço. Antes que a situação tomasse proporções incontroláveis, Smaluco puxou-a por um braço e arrastou-a até à recepção.

Na cabine telefónica, o espanhol Pepe Diaz não parava de fazer chamadas. Umas em francês, outras em alemão e outras ainda em inglês. Era óbvio que ele esperava por alguém, porque durante os seus

telefonemas, feitos sempre num tom de voz elevado, ia olhando para a porta do hotel. De súbito, surgiu da rua um homem, vestindo um casaco de meia estação de golas levantadas, que trazia um grande embrulho. Pepe desligou a chamada, correu para ele e dirigiu-se-lhe num italiano perfeito: “Dê cá isso. Amanhã quero uma explicação sobre este atraso.” Smaluco estava impressionado com o talento do homem para línguas. Ele era aquilo a que se pode chamar um poliglota!

O que Natália mais apreciava no espanhol era o tom da sua pele. Um bronzeado invejável, que fazia sobressair o castanho claro dos seus grandes olhos. Um encanto de homem! Segundo as informações recolhidas, ele era natural de Barcelona e, tal como os outros suspeitos, deslocara-se pela primeira vez ao nosso país. Natália, a um sinal de Smaluco, fingiu tropeçar e atirou-se literalmente para cima do espanhol, fazendo com que ele deixasse cair o embrulho, que Smaluco se apressou a apanhar do chão. Pelo tacto, dir-se-ia que continha algo sólido, pesado, mas emborrachado. Irritado, o espanhol arrancou o embrulho da mão de Smaluco e correu em direcção ao quarto.

Natália e Smaluco sorriram, abraçaram-se, trocaram um beijo terno e apaixonado e foram também eles para aos seus aposentos, dando por concluída a sua missão neste caso. Para eles, não havia sinais de que qualquer dos três suspeitos pudesse ser o temível bombista procurado pela Judiciária. Mas estavam enganados. Nessa tarde, o Comando Operacional do Continente (COPCON) surpreendeu um dos três homens com uma quantidade apreciável de explosivos junto ao Palácio de Belém. Durante o interrogatório confessou tudo. Era ele o tal perigoso bombista! Mas qual? – perguntou Smaluco, que, passados tantos anos, ainda hoje precisa que lhe avivem a memória. Ora, façam o favor...

***Policiário nº 1028 – Público de 3 de Abril de 2011***

## SOLUÇÃO

Pode parecer estranho que Jean-Pierre, sendo francês, se exprima num mesclado de italiano com castelhano e catalão, mas convém não esquecer que ele só se fez ouvir quando Natália o abordou em português com sotaque brasileiro.

Podemos por isso admitir que o rapaz apenas quis ser simpático com a sua interlocutora, esforçando-se por se exprimir em português.

Pode ainda parecer insólito que um jovem parisiense ostente uma t-shirt de promoção à Torre de Piza e que, ao ser questionado sobre pontos de interesse da sua cidade natal, se tenha referido a alguns dos clássicos locais turísticos de que toda a gente já ouviu falar e não a lugares mais singulares e pouco conhecidos de Paris.

Por um lado, Jean-Pierre não será o primeiro nem o último cidadão do mundo a envergar uma peça de roupa onde figure o símbolo de uma cidade que não seja a sua; e por outro lado, o facto de ter balbuciado alguns lugares comuns quando se refere a monumentos de Paris pode ser explicado pela timidez evidenciada no contacto com Natália, que lhe terá bloqueado o raciocínio.

Acrescente-se ainda que esta sua timidez perante a provocante investida de Natália pode muito bem justificar a sua gaguez, a sua tremura na voz! Ou seja, Jean-Pierre não apresenta sinais evidentes de poder ser o perigoso bombista italiano disfarçado de um vulgar cidadão francês.

Quanto ao espanhol Pepe Diaz, também é estranho que ele se tenha expressado em diversas línguas e não o tenha feito na língua materna. Mas isso pode ser explicado pela nacionalidade dos interlocutores: o portador do embrulho seria italiano e as pessoas com quem comunicou por telefone seriam francesas, alemãs e inglesas.

Quanto às inúmeras chamadas feitas, elas podem ser justificadas com a simples possibilidade do homem precisar de manter contacto com os seus parceiros de negócios, clientes ou familiares; por outro lado, convém recordar que em 1974 ainda não havia telemóveis, mas existiam telefones de rede fixa colocados em pontos mais discretos e privados do que cabines públicas, o que significa que os assuntos tratados naquelas comunicações não tinham carácter sigiloso ou... criminoso – até porque o espanhol usou um tom de voz elevado.

Relativamente à dimensão, peso e “plasticidade” do conteúdo do embrulho que ele esperava com aparente ansiedade, bem como ao facto do seu portador envergar um casaco de meia estação de golas levantadas em pleno Verão, tudo isso poderá ter as explicações mais inocentes. E nem o facto de o espanhol se encontrar pela primeira vez em Lisboa o faz mais suspeito do que os outros – até porque

sabemos que aquela é também a primeira vez de todos eles na capital do nosso país.

Os comportamentos do francês e do espanhol, mesmo não denunciando indícios objectivos de que qualquer um deles seria o terrível bombista especializado em disfarces e falsificações que as autoridades policiais portuguesas procuravam afincadamente, determinariam que fossem tomadas fortes medidas preventivas. Estas passariam, pelo menos, por uma vigilância apertada aos movimentos daqueles suspeitos – até porque estava em causa a segurança pública.

Em vez disso, Smaluco decidiu dar-lhes liberdade de acção após concluir um tipo de investigação absurda e inconsequente, onde acabou por envolver uma pessoa estranha à estrutura policial, o que contraria os mais elementares princípios que orientam a conduta dos agentes de segurança.

Talvez seja por atitudes desta natureza que normalmente o detective é chamado a investigar apenas casos menores, como pequenos delitos.

Mas se é verdade que Smaluco não esteve nada bem na forma como desenvolveu a “investigação” dos suspeitos francês e espanhol, esteve bastante pior quando foi incapaz de perceber os sinais que o judeu deixou transparecer de que se fazia passar por quem não era. Ou seja, se Jean-Pierre e Pepe Diaz podiam possuir as identidades e as nacionalidades com que se apresentaram na fronteira e no hotel, Aki Abdul não! Havia nele disfarce, falsificação.

Podemos encontrar as mais variadas razões para explicar o facto de o alegado judeu afirmar que Telavive é uma cidade desprovida de interesses culturais relevantes, ao mesmo tempo que invoca o seu elevado significado histórico e religioso, mas a verdade é que tal afirmação revela um profundo desconhecimento sobre aquela que é a segunda capital de Israel.

Na realidade, Telavive é uma cidade jovem, fundada em 1909, pelo que não possui qualquer história religiosa significativa, ao contrário do que se passa com a sua importância no contexto cultural: Telavive possui uma enorme pujança no domínio das artes. E foi isso que fez Natália rir à gargalhada, porque, sendo actriz, é natural que soubesse da grandeza cultural que aquela cidade encerra.

Também é verdade que podemos aduzir inúmeras explicações para a sujidade escondida nas unhas de Aki Abdul, para além desta poder ser explicada pelo manuseamento longo e reiterado de pólvora sem luvas de protecção.

E podemos ainda justificar o verniz (transparente!) nas unhas de um homem como uma moda da época, embora seja conveniente não esquecer que essa era uma moda no Ocidente em meados dos anos de 1970, cuja prática seria muito pouco provável num cidadão judeu, por razões culturais. Mas...

Pode haver de facto muitas justificações para que tudo o que atrás se enuncia como indícios de suspeitas recaia sobre Aki Abdul, mas de certeza que só há uma explicação para ele proceder à leitura

de escritos em hebraico, fazendo-o da esquerda para a direita: fingir ser o que não é!

Como todos sabemos, a leitura dos caracteres hebraicos faz-se no sentido da direita para a esquerda. E foi nesse sentido que Natália seguiu o dedo do homem quando este prosseguia as linhas do jornal.

Mas Natália estava de frente para o suspeito. Logo, ele estava a movimentar o dedo da esquerda para a direita, como se faz na leitura da escrita ocidental!

Ou seja, ele estava a fingir que lia, porque não sabe ler escrita hebraica... porque não é judeu!

Na verdade, dos três suspeitos, só ele apresenta indícios claros e concretos de ser o perigoso bombista italiano que foi surpreendido pelo Comando Operacional do Continente (COPCON, estrutura militar criada pelo Movimento das Forças Armadas, comandada pelo líder operacional da Revolução de 25 de Abril de 1974, Otelo Saraiva de Carvalho) com uma quantidade apreciável de explosivos nas imediações ao Palácio de Belém.

***Policário nº 1034 – Público de 15 de Maio de 2011***



## O MISTÉRIO DA BALA TRANSVIADA

Original de PENEDO RACHADO

Aquele mês de Julho corria rijamente acalorado.

Frente à esquadra da polícia havia uma fonte ornamental e, talvez para aproveitar a frescura proporcionada pelos jorros de água, o Comissário Liberto Andrade encontrava-se sentado na borda da fonte conversando com alguém das suas relações.

Um pouco mais além, à porta da esquadra, discutindo as peripécias do último Benfica – Sporting encontravam-se dois agentes da PSP.

Talvez devido ao calor abrasador que se fazia sentir, a Praça estava, com excepção dos elementos já citados, completamente deserta e silenciosa, silêncio esse que, repentinamente, foi quebrado pelo som de um tiro disparado a não muito longa distância da esquadra.

O comissário levantou-se como que impulsionado por uma mola e saiu correndo em direcção a umas das vivendas que parecia ser aquela de onde viera o som do tiro. Os dois agentes que discutiam sobre o Benfica e Sporting, esqueceram a sua conversa e saíram também disparados atrás do seu chefe.

Chegaram junto da porta, bateram e, quase imediatamente, esta abriu-se e no seu limiar surgiu a figura alta, mas terrivelmente aterrorizada de um homem já idoso. Cabelo completamente branco e longas suíças. Tinha o aspecto daqueles mordomos que costumamos ver naqueles filmes cuja acção se passa no séc. XIX.

“Que se passou?”, perguntou Liberto ao homem.

“Na... na... não sei... Foi no escritório do patrão!”, respondeu, gaguejando, o homem que parecia mais aterrorizado a cada minuto que passava.

Guiados pelo velho, o comissário e os dois agentes dirigiram-se ao escritório cuja porta estava fechada por dentro. Era forte a porta e resistiu às três primeiras tentativas de arrombamento, mas à quarta não resistiu ao movimento perfeitamente sincronizado dos três representantes da lei.

Imediatamente viram à sua esquerda, caído de bruços sobre a secretária, o corpo do dono da casa. Liberto aproximou-se, tomou-lhe o pulso e depois apalpou a jugular. “Está morto!”, foi a informação lacónica que forneceu. Depois desviou a sua atenção para o cadáver.

Havia um orifício de forma irregular com os bordos queimados e muito mau aspecto na tâmara do

lado direito. Ao redor do ferimento os cabelos, para além de chamuscados, apresentavam também resíduos de pólvora.

Na sua mão direita, pousada sobre a secretária, o morto segurava uma pequena pistola semi-automática, por cujo cano ainda saía uma leve coluna de fumo.

A cerca de um metro da secretária, um pouco para a sua direita, sobre o tapete que forrava o chão, foi encontrada a cápsula da bala que teria sido disparada.

O comissário tirou a arma da mão do morto e retirou-lhe o carregador que esvaziou. Contadas as balas, foi constatado que para além da que tinha servido para o suicídio, já que era evidente que disso se tratava, havia outra em falta. Liberto voltou a colocar as balas no carregador e este na arma, deixando esta junto da mão do cadáver que antes a segurava.

O comissário pareceu não ligar muito à falta da bala e dedicou-se a percorrer a sala. Esta parecia não ter nada que despertasse a sua atenção. A única coisa que pareceu interessar-lhe foi a janela provida de veneziana que se situava frente à porta por onde haviam entrado e que dava para a praça onde se situava a esquadra da polícia.

As vidraças da janela estavam abertas de par em par, mas, as portas de veneziana encontravam-se fechadas por dentro.

Depois desta observação Liberto virou-se para os seus subordinados e disse:

“Um de vocês vai ficar aqui e não deixa ninguém entrar nesta sala. Nós vamos voltar para a esquadra e telefonar para a Judiciária.”

“Então e não procuramos a bala que falta?”, atreveu-se a perguntar o outro agente.

“Não interessa! Se estiverem interessados nisso, os da Judiciária que a procurem.”

Pergunta-se aos nossos amigos, amantes de mistérios e enigmas se, no caso do pessoal da “Judite” precisar de ajuda, algum é capaz de indicar o sítio exacto onde se encontra a bala em falta:

- A – O carregador não tinha o seu stock completo?
- B – Não foi disparada e encontra-se na câmara da arma?
- C – Encontra-se sob o corpo do suicida?
- D – A arma encravou-se e a cápsula não chegou a ser extraída?

***Policiário nº 1029 – Público de 10 de Abril de 2011***

## SOLUÇÃO

A alínea certa é a b).

a) Nada nos permite pensar e concluir que o carregador não estivesse inicialmente com toda a sua carga.

c) Também não podemos afirmar com segurança que a bala estivesse debaixo do cadáver. Afinal este nem foi movido.

d) Se a arma se tivesse encravado após o primeiro disparo, a cápsula não se encontraria no chão, mas sim na câmara da arma ou atravessada na janela de ejeção. Se o encravamento tivesse acontecido após um segundo tiro, nada provável num caso de suicídio, aconteceria o mesmo que no primeiro parágrafo desta alínea.

Por tudo isto a hipótese certa só pode ser a b).

*Policário nº 1035 – Público de 22 de Maio de 2011*



**CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2011**

**PROVA Nº 5**

**PARTE I**

**GATO FARRUSCO MORRE AO LUSCO-FUSCO**

**Original de ONAÍRDA**

**PARTE II**

**QUEM TIROU O DINHEIRO?**

**Original de ZÉ**



## GATO FARRUSCO MORRE AO LUSCO-FUSCO

### Original de ONAÍRDA

Na povoação, sem ruas interiores, praticamente reduzida ao perfil do longo da estrada, encostada a Lisboa, junto a um contentor de lixo, no lusco-fusco de um domingo de Outubro, aparece morto no interior de um saco o gato “farrusco”. O felídeo ainda estava quente. A morte ocorreu cerca de meia hora antes, aí pelas 20h00. Levou uma paulada na espinha. Certa e a propósito.

Samuel era dono do farrusco. No dia seguinte pelas 9h00, Eva, sua empregada doméstica, entra ao serviço, abre a porta da casa e vê o corpo do patrão no chão. Corpo e cadeira afastados da secretária cerca de um metro, no salão principal da sua moradia. Estava morto, bem morto. Levou fortes pauladas na cabeça. A autópsia determina que a morte ocorreu na véspera entre as 20h30 e as 21h30.

Eva pôs-se à disposição de Garçôa, o “teórico” da PJ. Eva viu um vulto pôr um saco fora do contentor de lixo e isto chamou sua atenção. O vulto seguiu para norte. Eva abriu o saco e viu o gato morto. Os habitantes da terra conheciam o felídeo. Vadiava em todo a lado, entrava nas casas desde que estivesse uma porta ou janela aberta. Odiavam o farrusco. Fazia estragos onde entrava. Pediam que o gato tivesse um fim triste muito rápido. Eva sabe do sentimento geral e vai dar a notícia aos clientes do único café, ao lado da casa de Samuel. O café, de Diogo, estava cheio de freguesia àquela hora. Eram 20h30. Geral foi a alegria e todos quiseram confirmar a morte do gato. O café ficou vazio, as pessoas regressaram perto das 21h30. Eva pensou que Samuel saberia da morte no dia seguinte. Se estivesse vivo, claro, dizemos nós, o que não aconteceu.

Garçôa tinha a noção dos acontecimentos. Ainda não sabia o culpado ou culpados e nem os motivos. Depois de decodificadas as perícias, saber-se-ia mais. Tinha de avançar. Serviu-se de Eva. Costume habitual. Eva citou nomes. Caíram na mente do “teórico”:

Diogo, dono do único café da povoação; Pedro, comerciante de móveis; Farias, negócios de lenhas para aquecimento; e Jacques Bonet, trabalhava em madeiras. Garçôa achou que Eva tinha ânimo a mais, meteu-a nesta lista.

Relatório preliminar do “teórico” – Não temos suspeitos. Vamos indagar a relação havida entre a vítima (humana) e os citados.

Pedro: 40 anos, divorciado – Vendia móveis em feiras. Natural da Estremadura. Montijo (sul do Rio

Tejo). Fervoroso fiel de São Pedro, patrono dos pescadores da cidade. Fervia em pouca água. Veio para a povoação aos 15 anos. Vivia em casa arrendada a Samuel, com bom mobiliário e caros cortinados. Pagava renda tida por exorbitante. Deixou-a de pagar há um ano. Tinha fornecido o recheio da moradia de Samuel, este nem metade do valor lhe tinha pago. Alegou móveis deficientes, as cadeiras eram excelentes, assentavam perfeitamente no chão, o resto uma porcaria. Tinha metido uma acção de despejo em tribunal. Odiavam-se mutuamente. Pedro já tinha ameaçado de morte o seu senhorio e não se importou que o ouvissem. Era desconfiado. Ausente, usava deixar uma janela entreaberta para pensarem que ele estava em casa. Ao lado de sua casa, a sul, ficava a casa de Farias, com o contentor de lixo aqui colocado no meio, e a norte o café. No fim da povoação, a norte, ficava a casa de Samuel.

Pedro declara: esteve nesse dia na Feira de Azeitão. Às 17 horas levantou a tenda e regressou uma hora depois. Passou pelo Montijo para depositar um donativo na Igreja Matriz, junto da imagem de São Pedro, veio pela Ponte Vasco da Gama, petiscou na área de serviço, fez um percurso de 50/60 kms, chegou a casa pelas 20h00. Disse que foi depois para o café. Confirmaram que chegou pelas 20h30. Garçôa, quando o interrogou na sua casa, notou que um cortinado estava rasgado e caído no chão, arrancado à força da parede.

Diogo, arrendatário do café de Samuel – Casado, sem mulher. Aparece na povoação 10 anos atrás. Esteve emigrado em França. Jactante, gaba-se de ter montado em Anglet, perto de Bayonne, uma usine de pastilhas elásticas. Muitos anos trabalhou e vendeu bem. Quis inovar o produto, não contou que as pastilhas, apesar de serem agradáveis, enrijavam na boca, muito aderentes quando lançadas para o chão. Ficavam em bolas e difíceis de se soltar onde colassem. Único remédio foi fechar a fábrica e regressar a Portugal. Trouxe com ele grandes quantidades das pastilhas “rijas”, o que o obrigava a mascá-las todo o santo dia para acabar com elas. Só não mascava enquanto dormia. Enjoou-se da mulher e deixou-a por lá. Cumpria pontualmente o pagamento da renda ao Samuel, mas este tinha uma conta calada no café, não a querendo saldar, porque dizia que o Diogo o andava a roubar há muitos anos. E dizia isto a toda a gente, o que desesperava Diogo, que tinha um feito violento.

Diogo declara: esteve no café todo o dia, nunca se ausentou até à hora do fecho, lá para a meia-noite, mais tarde do que o habitual, dada a alegria que havia nos fregueses pela morte do farrusco. Fez bom negócio.

Farias, solteiro – Natural da Estremadura. Montijo (sul do Rio Tejo). Negociava em lenhas para aquecimento. Não gostava de Samuel. Este emprestou-lhe dinheiro. Perdeu o dito e o amigo. Tinha boa moradia recheada de bons móveis e cortinados, adquiridos e pagos integralmente ao Pedro.

Farias declara: esteve nesse fim-de-semana perto do Montijo para comprar árvores e saiu de lá pelas



18h30. Só chegou a casa depois das 22h00. Curiosamente (para Garçôa, claro) disse que passou pela Igreja de São Pedro para deixar um donativo na imagem do santo. O “teórico” soube que Farias gostava de imitar Pedro nos seus comportamentos.

Garçôa perguntou-lhe se tinha vindo pela Ponte Vasco da Gama e se tinha ido petiscar na área de serviço, tal como tinha feito o Pedro. Ele disse que sim, mas na área de serviço só meteu gasolina. Ironicamente perguntou se o carro dele era algum modelo de 1930 e que andava só a 20 Kms/hora. Farias disse que não, pois tinha um Mercedes Classe C 200 Kompressor de 2006. Garçôa assobiou desconfiado.

Jacques Bonet, 40 anos, solteiro – Torneiro de madeiras. A sua casa era no extremo sul da povoação ao lado da do Farias. Entre estas havia enorme pilha de troncos desbastados de árvores que eram o negócio do Farias. Amiúde o Bonet aviava-se de lenha para a lareira sem o dono saber. Pedro imitava-o. Tinha a alcunha de “francês”, vá lá saber-se porquê. Viajou e chegou à povoação por volta das 23h00, mas ninguém o viu chegar. Tinha ido em viagem turística de uma semana a Bayonne.

Jaques Bonet declara: não engraçava com Samuel, detestava-o. Esta viagem era desejada à muito, praticamente desde criança. O regresso foi normal, veio num voo regular, aborrecido por ver tanta água. Entre o sair pelas 10 horas de Bayonne e os oito quilómetros até à aerogare, entregar o carro alugado, fazer o check-in, tempo de voo, chegada a Lisboa e ida para a povoação durou dez horas na totalidade. Garçôa começou a fazer contas: os voos regulares de Bayonne para Lisboa têm escala em Paris ou Geneve demorando 1h10 ambas as ligações. Juntava-se mais 3h10 de Paris ou Geneve para Lisboa, mais 30 minutos para recolher a bagagem, mais uma hora de diferença horária, e ida para casa, no máximo seriam umas seis horas de viagem. Algo não estava bem. Garçôa voltou a assobiar desconfiado.

Eva – Tem actualmente uma relação secreta com Diogo, e não quer que saibam. Trabalha para Samuel e receia ser despedida. Este sabia do facto. Não se importa, porque Eva é uma boa empregada e exímia nas limpezas. Eva foi casada com Pedro, mas divorciou-se dele em litígio. Teve uma relação fugaz com o “francês”, a qual terminou. Este prometia-lhe uma viagem a França e não cumpria a promessa. Farias cedia-lhe lenha gratuitamente. Nesse domingo do crime, esperou que Diogo fechasse o café e passou a noite com ele.

Houve cuidado em não mexer em nada para não prejudicar as perícias. Depois do corpo retirado, fecharam a sala. Quando depois Garçôa entrou no local, reparou que o chão estava impecavelmente limpo. Não abriu a luz para não tocar no interruptor e deixou a porta aberta para haver visibilidade. Tudo em ordem na secretária, papel ou objecto algum caíram para o chão. Abriu uma janela da frente da sala e produziu-se uma forte corrente de ar. Assustou-se devido a pancadas sonoras por detrás de si.

A cadeira onde se sentava Samuel balançava de um lado para o outro ritmadamente.

Quando o caso acabou Garçôa diria que bastou ter-se enganado numa letra no relatório para ter o trabalho mais complicado.

*Policário nº 1032 – Público de 1 de Maio de 2011*

## SOLUÇÃO

1- É Diogo quem assassina Samuel.

2- É Pedro quem mata o gato farrusco.

Para chegarmos a esta verdade eliminemos aqueles que não tiveram essas possibilidades.

Farias: dá a impressão que está a mentir mas fala verdade. Garçôa é induzido em erro pelo facto de Pedro ser natural do Montijo (sul do Rio Tejo), cidade do distrito de Setúbal, província da Estremadura, Portugal. Farias gosta de imitar os comportamentos do Pedro. E como tal, a quente, Garçôa julgou que Farias era natural da mesma terra. Puro engano. Farias era natural do Montijo, situado na comunidade da Estremadura espanhola. Saindo de lá pelas 18h30, com uma viatura potente, teve tempo normal de fazer a viagem, ir pôr o donativo na Igreja de São Pedro (centro da pequena ciudad) vir pela Ponte Vasco da Gama (por ser mais directo a Lisboa e com transito mais fluído), meter gasóleo na área de serviço, mas nunca chegar a casa antes das 22 horas. Ninguém afirma que o viu na povoação antes daquela hora e se por acaso tivesse morto o Samuel, até mesmo o farrusco, teria de passar pelo café do Diogo e logo o veriam. A casa de Farias estava situada a sul do café. Quando Garçôa anota que cometeu o erro de uma letra no relatório refere-se ao x da palavra Extremadura (palavra espanhola) enquanto a palavra portuguesa leva um s. A diferença horária de uma hora entre Portugal e Espanha aqui não tem relevância. Mais importante é o facto de referir-se que Pedro foi pôr um donativo na Igreja Matriz do Montijo e esta igreja é a do Divino Espírito Santo, onde está lá, na verdade, uma imagem de São Pedro. A diferença é que existe mesmo a Igreja de São Pedro no Montijo espanhol.

Outra nota é que em Portugal a Estremadura onde está integrado o Montijo é uma província e em Espanha a Extremadura é uma comunidade autónoma. Este Montijo onde esteve o Farias, e é de lá natural, pertence à província de Badajoz.

Farias, desta maneira, porque falou verdade e porque chegou a casa depois das 22h00 nunca poderia ter morto o Samuel e nem o farrusco.

Jacques Bonet: dá a impressão que está a mentir e assim Garçôa coloca-o na lista de suspeitos. Mas de facto Bonet fala verdade. O facto de ter a alcunha do Francês e de sonhar desde criança fazer uma viagem a França leva Garçôa a pensar que a actual viagem foi a Bayonne no sudoeste de França, mas de facto a viagem de uma semana foi a Bayonne em New Jersey, Estados Unidos. Talvez o motivo turístico da viagem não fosse Bayonne, mas sim Nova Iorque. E assim tudo confere: saída de Bayonne pelas 10 horas da manhã (15 horas em Lisboa) e chegada depois das 23 horas a casa. E, claro, o voo foi todo sobre o mar. Logo, Bonet não matou Samuel nem o farrusco.

Eva: o facto de ter visto o vulto a deixar o saco com o farrusco no contentor de lixo e ter logo ido para o café e estar sempre com a freguesia a ver o gato morto iliba-a das mortes referidas. Nem se extrai do texto que seja cúmplice de Diogo ou tenha animosidade contra Samuel. Apesar de divorciada controlava os movimentos de Pedro. Logo abriu o saco e viu o farrusco morto.

Diogo: Samuel morre entre as 20h30 e as 21h30. Ele diz que não se ausentou do café, mas de facto poderia tê-lo feito sem ninguém se aperceber. Como o café ficou vazio de clientes uns minutos depois das 20h30 até às 21h30, com eles a deslocarem-se para sul em direcção ao contentor de lixo, Diogo vai para norte e entra na casa de Samuel. Acesso à casa de Samuel assegurado, porque Eva tem a chave da casa e Diogo já teve oportunidade de fazer um duplicado sem ela saber. Ele premedita a morte de Samuel com recurso a um tronco das árvores de Farias para deste modo apontar para outros a autoria do crime. Já tem o tronco em seu poder, vê o caminho livre, segue para a casa de Samuel, entra nela, vê-o sentado à secretária e rápido desfere-lhe várias pauladas na cabeça. Samuel tenta desviar-se das pauladas, arrasta a cadeira e cai para o chão. Nesta queda a cadeira levanta-se pela parte de trás e quando assenta no chão uma das pernas vai pisar uma pastilha elástica que Diogo estava a mascar e que a cuspiu involuntariamente. Diogo depois das pauladas desferidas retira-se. A pastilha elástica torna-se rijia mas aderente à perna da cadeira, ficando esta com um ponto de apoio falso que vai provocar oscilações à menor corrente de ar. São estas oscilações que provocam os batimentos no chão da sala do crime, por acção da corrente de ar que se gerou, quando Garçôa abriu uma das janelas. A pastilha é a prova incriminatória que Garçôa precisa para incriminar Diogo mais tarde.

Pedro: Tinha deixado uma janela entreaberta e quando regressou a casa viu que esta estava mais afastada. Calculou que o farrusco estava dentro de sua casa. Pensou logo que havia estragos e preparou-se para o pior. Pegou num tronco de árvore surripiado ao Farias. A sua intenção era só pregar um pequeno susto ao gato, mas quando viu o cortinado arrancado da galeria e rasgado “ferveu em pouca água” e foi dar com o gato ainda em sua casa e em posição de levar uma paulada certa no lombo. Foi o que aconteceu e o bichano foi desta para melhor. Meteu-o num saco e depositou este junto ao contentor do lixo. Eva espreitava-o. As horas de chegada coincidem com a altura em que o gato é morto e depositado junto ao contentor: chegada a casa pelas 20h00 e chegada ao café às 20h30.

Como o gato morreu pelas 20h00, portanto foi o único com possibilidade de dar a cacetada no farrusco. A duração da viagem foi normal para o percurso percorrido e as duas paragens referidas (Igreja do Divino Espírito Santo no Montijo e área de serviço a sul da Ponte Vasco da Gama).

*Policiário nº 1039 – Público de 19 de Junho de 2011*

## QUEM TIROU O DINHEIRO?

### Original de ZÉ

(No 86º aniversário de M. Constantino e em sua homenagem)

Corria muito bem a vida na Empresa Lopes e Costa. Apesar da crise, a belíssima carteira de clientes da firma de representações e vendas a retalho dava para ir escapando às aflições globais.

José Lopes era o homem do capital (muito, por sinal) e Joaquim Costa o gerente. Tinha, apenas, dois funcionários – João Marcelino e Jorge Soares. O primeiro abria a loja às 8 e trabalhava até às 14; o segundo entrava às 14 e fechava o estabelecimento às 20. Lopes pouco por lá aparecia – só em ocasiões cruciais. Costa, esse, entrava e saía quando necessário...

Marcelino era um homem com permanentes dificuldades – financeiras, conjugais; enfim, de toda a espécie, que os patrões iam ajudando a superar. Soares sempre pareceu a toda a gente um tipo certinho.

Naquela terça-feira, Costa preparava-se para uma viagem de três dias a Espanha, em trabalho, no dia seguinte. Esteve todo o dia na firma (sempre só, no escritório) e ausentou-se, apenas, por breves minutos, para ir buscar algo para o almoço (cerca das 13 horas), que comeu na loja. Mal chegou ao trabalho, Soares reparou que não tinha a chave com a qual deveria fechar o estabelecimento. E ele que tinha a certeza de que a metera no bolso do blusão, após almoçar! Avisou o patrão Costa, que ficou preocupado, pois havia, apenas, quatro chaves e nenhuma poderia ser substituída ou duplicada, mesmo na empresa fabricante, no estrangeiro. Jorge, por descargo de consciência, ligou para casa e disseram-lhe que a chave estava lá, no local onde sempre a guardava. Pediu ao patrão para ir buscá-la, para poder fechar a loja, mas ele deu-lhe a sua, pois dela não precisaria durante o resto da semana; do funcionário poderia precisar a qualquer momento.

Antes de sair, Costa tirou do cofre 17280,00€ (quase todo em notas muito “grandes”), que meteu num envelope e introduziu, à vista do empregado, numa vitrina com chave, sob um livro que ali estava. Disse a Soares que o entregasse a uma empresa fornecedora (contra recibo, claro), na tarde do dia seguinte; ou desse conhecimento a João, se o pagamento fosse transferido para a manhã de quinta-feira. A chave da vitrina ficou no local do costume. Jorge fechou a loja às 20 horas.

Costa tinha saído às 19h30, para matar o vício no Casino, depois de jantar. O jogo estava-lhe no

sangue (salvo seja!!!) e, por isso, enquanto o sócio vivia dos rendimentos, ele tinha de trabalhar a dobrar (para ele e para o jogo). Era rara a semana que não metia um vale por conta do ordenado e da divisão anual de lucros. O vício era tal que tinha colocado no seu carro uma nota de 100€, em local de difícil acesso até para ele. Sempre dava para comer e para o combustível do regresso a casa.

Nessa noite, perdeu tudo o que levava na carteira e dirigiu-se à loja, tendo parado o carro na rua, cerca de cem metros acima. Regressou à viatura cinco minutos depois. Voltou ao casino e recomeçou a jogar.

No dia seguinte, Marcelino abriu a porta, como habitualmente, e, ao entrar, diz ter reparado logo no vidro estilhaçado de uma vitrina, que estava fechada à chave. Afirmou que não mexeu em nada e tudo estava como quando passara o turno ao colega da tarde, no dia anterior. Aliás, o movimento da firma fazia-se muito mais no escritório (e nos armazéns, noutro local) do que ao balcão. Ligou ao Soares, que lhe falou da existência do envelope com o dinheiro, nesse local. Telefonou a Costa, que, mesmo em viagem, confirmou a colocação do envelope com dinheiro nessa vitrina e avisou o sócio da ocorrência. Lopes chamou a polícia e dirigiu-se à firma. Nem envelope nem dinheiro. Ficou o livro, para recordação...

A polícia recolheu impressões digitais e verificou que a porta não apresentava qualquer sinal de ter sido forçada; a montra estava intacta e não havia mais acessos.

A investigação começou, mas nós não precisamos de mais nada...

Um deles (e só um deles!) foi o responsável pelo desaparecimento do dinheiro:

- A – José
- B – Joaquim
- C – João
- D – Jorge

***Policiário nº 1033 – Público de 8 de Maio de 2011***

## SOLUÇÃO

A resposta ao desafio é: alínea d). Só pode ter sido o Jorge.

José tinha tanto dinheiro que não precisava de ir à loja buscar aquele de que necessitasse, em emergência, causando estragos na vitrina – abria o cofre e servia-se!

Além disso, o texto não permite concluir, sequer, que ele soubesse onde o sócio colocara a verba para o pagamento ao fornecedor, antes dela ter desaparecido...

João não tinha conhecimento da existência do envelope recheado naquele local; só soube pelo telefonema a Jorge, após entrar ao serviço, na quarta-feira...

Joaquim era o suspeito óbvio (demasiado, não é verdade?...). Gastou, no casino, o dinheiro que levava na carteira e tentou ir buscar algum à loja.

Mas da loja não o pôde levar, pois tinha emprestado a sua chave ao Jorge e não pode ter tido acesso a mais nenhuma – Jorge deu pela falta da dele mal chegou à loja; José não tinha ido à loja enquanto o sócio lá esteve (Joaquim esteve sempre sozinho); João tinha a sua, pois com ela abriu a loja, no dia seguinte. Com o desespero de não ter nada com que matar o vício, nem se lembrou. Só deu por isso depois de procurar em tudo onde a chave poderia estar...

Ainda terá pensado em pedir a alguém que lhe fosse levar uma, mas não se quis expor (esses assuntos seriam só tratados com o Lopes, a quem não iria incomodar, pois saberia o que ouviria).

Cinco minutos também não davam para outra coisa e o texto não assinala qualquer movimento dos outros suspeitos a essa hora.

Foi ao esconderijo do carro, labutou, tirou a nota das emergências e voltou a jogar.

Muito? Pouco? Não interessa nem vem ao caso – jogou enquanto duraram os 100 euros... E até pode ter ganho dinheiro (para variar...).

Resta Jorge.

Fechou a porta da loja, por dentro, cerca das 20 horas de terça-feira; partiu a vitrina como manobra de diversão (apontando para alguém que não soubesse onde estava a chave dela), tirou o envelope com o dinheiro (que embolsou), abriu a porta, saiu e fechou-a à chave.

Esqueceu-se de que a loja não revelava qualquer indício de entrada forçada e de que não poderia haver mais nenhuma chave, para além das sinalizadas.

É verdade que havia uma chave “perdida” na casa do Jorge e alguém (de sua casa) poderia tentar entrar na loja, entre a saída dele e o seu regresso a casa. Mas... como poderia esse alguém saber que lá estava o dinheiro?

Se fosse do cofre, a conversa poderia ser outra! E mesmo que, por “visão”, tivesse acertado, não altera o essencial – a responsabilidade (é o que o texto pede) era sempre dele... Além de que, nas opções de resposta, não se contempla (por isso) um estranho à empresa...

É óbvio que se tratou de uma tentação circunstancial. Daí, os erros cometidos...

*Policiário nº 1040 – Público de 26 de Junho de 2011*



**CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2011**

**PROVA Nº 6**

**PARTE I**

**O MASSACRE NA QUINTA DE ALEGRIA**

**Original de RIP KIRBY**

**PARTE II**

**O DOURO TEM MUITAS PONTES**

**Original de PAULO**



## O MASSACRE NA QUINTA DA ALEGRIA

### Original de RIP KIRBY

A Quinta da Alegria constituída por um terreno de 30000 metros quadrados no centro do qual há um palacete construído no séc. XIX. A propriedade é cercada por um muro de dois metros de altura, caído, encimado por três filas de arame farpado. Na face confinante com a estrada nacional há um portão junto do qual existe uma guarita onde três guardas fazem serviço revezando-se de quatro em quatro horas. Da casa ao muro há um jardim e, serpenteando entre os canteiros, o caminho que vai até ao portão.

O palacete pertence a Andréia Niemeyer, italiano de origem judaica estabelecido em Portugal, de parceria com Norberto Castro, com uma empresa de construção naval. Cinquenta e cinco por cento do capital pertence a Castro e a Niemeyer 40 por cento. Os restantes 5 por cento, cedidos por Norberto, foram divididos igualmente por cinco engenheiros da empresa. Agora esses engenheiros querem que a percentagem suba para dois por cento. Niemeyer aceita essa reivindicação, mas entende que essa percentagem deve ser retirada da quota de Norberto Castro, ao que este não acede. Diz que já fez a parte dele, agora é a vez do italiano.

Naquele domingo, realizava-se na quinta um almoço para o qual foram convidados todos os sócios da empresa. Como o almoço decorreu, não sabemos. Por volta das 17 horas um telefonema na PJ levou o inspector Trindade e a sua equipa para o local.

Chegado à quinta, o inspector foi levado para a sala de jantar no centro da qual há uma mesa onde apenas estavam presentes os cálices onde foram servidos os antidigestivos. Nas laterais da mesa cinco corpos, três de um lado e dois no outro, tombados sobre esta. Todos tinham recebido um tiro na nuca e, em todos, a trajetória da bala fora semelhante. Entrara na nuca e subira ligeiramente para o alto da cabeça. Os bordos das feridas, que haviam sangrado pouco, apresentavam-se queimados e com resíduos de pólvora.

Sobre a mesa, à direita dos corpos, estavam as cápsulas das balas que os atingiram. Um pouco afastado da mesa, estendido no solo com o peito para cima, estava o corpo do mordomo, identificado pelo empregado que acompanhava o inspector. Atingido no estômago sofreu grande hemorragia como indicava o sangue ao seu redor. A cápsula da bala que o matou encontrava-se bastante distante, e desviada para a sua esquerda. Não havia sinais de queimado nem de pólvora no ferimento.

Junto da porta de comunicação com a sala ao lado, outro corpo, que o empregado afirmou ser o dono da casa, deitado de bruços com a cabeça perto da porta, parecia ter sido atingido quando tentava fugir do local. Perto, um pouco à frente do corpo, desviada para a sua esquerda, estava a cápsula da bala que o atingira. O inspector viu que ainda respirava pelo que o virou podendo assim verificar que recebera o tiro um pouco abaixo da clavícula esquerda tendo a bala seguido uma trajectória ligeiramente ascendente e em diagonal da direita para a esquerda saindo um pouco acima da espádua. Na sua camisa branca ensopada notava-se o tecido queimado e os resíduos de pólvora concentrados em volta do buraco.

O empregado que acompanhava o inspector disse que, após o almoço, o patrão havia dispensado todos os empregados, recomendando que fossem divertir-se na piscina e que voltassem às 17 horas. Encarregou o mordomo de ir servir umas bebidas quando fossem 15 horas, o que este fez não tendo voltado. Um pouco antes das 17 horas, como a casa ficava um pouco distante, abandonaram a piscina e quando chegaram depararam-se com aquele espectáculo. Todos confirmaram e afirmaram ter estado sempre juntos.

Depois de tratado, Niemeyer disse qual o motivo daquele almoço para o qual tinham sido convidados todos os sócios da empresa: discutir a pretensão dos engenheiros, mas Norberto Castro não comparecera como havia prometido. Cerca das 15 horas, um pouco depois das bebidas servidas, entrou na sala um estranho, de estatura elevada e mascarado, que começou a atirar sobre os presentes.

Interrogados os guardas, o que esteve de serviço entre as 12 e as 16 horas, um jovem baixo atarracado, afirmou que todos os convidados tinham entrado na propriedade. À pergunta que lhe foi feita respondeu que o senhor Castro tinha entrado cerca das 14 horas, mas acrescentou que não o vira. O carro tinha os vidros escuros e ele só viu o motorista que voltou a sair pouco depois. Acrescentou que todos os convidados chegaram conduzindo os seus próprios carros e que ninguém mais entrara nem saíra enquanto esteve de serviço. O colega que o rendeu afirmou que durante o seu turno ninguém se ausentara da propriedade.

No dia seguinte em Aveiro, onde morava, Norberto, quando interrogado, olhou o inspector do alto dos seus dois metros de altura e disse: que se deslocara a Lisboa devido a compromisso de última hora pelo que não pudera assistir à reunião. Apresentou os talões das portagens que pagou na viagem e um bilhete para a sessão de domingo num teatro da capital. Esse bilhete, para além da data impressa, tinha o autógrafa de Rui Mendes, que era um dos actores que participara na peça a que ele assistira, com a data manuscrita. Afirmou que havia mandado um dos seus motoristas à quinta para justificar a sua ausência. Não se lembrava de qual o motorista que encarregara desse serviço e, quando interrogados,

todos os motoristas se esquivaram a admitir que tivessem ido à quinta.

No relatório do médico era dito que, excluindo o mordomo, todas as vítimas tomaram, depois do almoço, uma poderosa dose de um sonífero, certamente adicionado às bebidas que beberam, tendo todos eles morrido durante o sono. A morte dos convidados fora instantânea e deveria ter ocorrido entre as 15h45 e as 16h30 com ligeiros intervalos entre si. A morte do mordomo teria ocorrido depois de uma agonia de certo modo prolongada, no intervalo de tempo indicado para os outros, cerca de trinta minutos depois de atingido. Pela quantidade de sangue derramado o médico calculou que o dono da casa foi atingido minutos antes dos criados terem dado pelo massacre.

No chão, a meia distância entre Andréia e o corpo do mordomo, encontrava-se a arma que servira para a matança, sem impressões digitais e uma luva branca da mão direita, um tanto suja. Pensou-se que a luva fosse do mordomo mas esta tinha as suas duas calçadas.

Nenhum dos cálices que se encontrava sobre a mesa tinha qualquer vestígio da bebida que fora servida nem impressões digitais. Apenas se via um pouco de água no fundo de todos eles. No muro não foi detectado qualquer estrago.

É tudo. Cabe agora aos nossos detectives descobrir o que se passou e apresentar um relatório circunstanciado sobre as conclusões a que chegaram.

***Policiário nº 1037 – Público de 5 de Junho de 2011***

## SOLUÇÃO

Quem teria feito aquela chacina na Quinta da Alegria? Algum dos empregados?

Esta é uma hipótese pouco provável, pois eles estiveram todos na piscina e, segundo afirmaram, mantiveram-se sempre juntos; excepto o mordomo que, por ordem antecipada do patrão, às 15h00 foi servir as bebidas aos convidados.

Mas o mordomo foi também uma das vítimas. Portanto, também não foi ele o autor daquele morticínio.

Teria sido o indivíduo alto e mascarado referido por Andréia Niemeyer?

Esta referência parece querer indicar-nos Norberto Castro, que não se pode dizer que seja baixo. Mas Norberto tinha ido a Lisboa e apresentou os talões das portagens que pagou, reforçando o seu álibi, apresentando o bilhete do teatro a que fora na véspera que, para além da data impressa, tinha o autógrafo de um actor que participara na peça a que tinha assistido, com a data manuscrita.

Por tudo isto temos que considerar que Norberto não foi o autor daquela matança.

Segundo o depoimento de um dos guardas, Norberto teria estado na Quinta da Alegria. Mas o mesmo guarda confessa que apenas viu o motorista porque os vidros do carro eram escuros e não dava para ver quem ia dentro, pelo que a sua afirmação é irrelevante.

Se ia alguém lá dentro não sabemos, mas, se havia efectivamente alguém, não era Norberto, que já sabemos que estava em Lisboa. Também não é provável que o motorista levasse algum passageiro, pois não foi encontrado ninguém estranho na quinta.

Se levasse, este teria que ser encontrado na propriedade, já que não passou pelo portão para sair nem foi encontrado qualquer sinal de que tivesse saltado o muro.

A saída pelo portão seria notada pelo guarda que estivesse de serviço naquela hora. Também não podemos acusar o guarda, que estava de serviço na hora do crime, pois ao contrário do que o italiano afirmou, este era baixo e atarracado. Se fosse um dos outros guardas, o colega tê-lo-ia visto.

Não tendo sido nenhuma das personagens atrás referidas teríamos, que apontar para um desconhecido. Mas já vimos que até essa hipótese não é aceitável porque nenhum estranho foi visto a entrar nem a sair – e mesmo que tivesse sido levado pelo motorista de Gilberto Castro, este voltou a sair logo depois.

Por isso, neste caso, esse tal possível estranho não teria tempo para fazer aquele trabalho e voltar a sair no mesmo carro que entrara. Se tivesse entrado teria que ser encontrado na propriedade, pois não tendo saído pelo portão forçosamente que teria que escalar o muro e nessa operação deixaria marcas,

que como já vimos não foram encontradas.

Parece que estamos num impasse, mas o Inspector Trindade, que já anda nesta profissão há muitos anos, não desistiu e pondo o cérebro a funcionar chegou à seguinte conclusão:

Se todos os convidados tomaram um sonífero com as bebidas servidas por volta das três horas, estas só podiam ter sido administradas pelo mordomo ou pelo dono da casa.

De acordo com a opinião do médico, o mordomo teria morrido devido à hemorragia, 30 minutos depois de ter sido atingido no intervalo de tempo calculado para a morte dos convidados, portanto, cerca das 16 horas.

A hipótese de ele ter feito aquela chacina e se ter suicidado de seguida não é aceitável. Pelos sinais que a ferida apresenta, ou antes não apresenta, o tiro que o atingiu foi disparado à distância. O facto de a cápsula da bala que o atingiu estar distante do seu corpo é mais uma prova do que antes é afirmado.

Por outro lado, os cálices onde as bebidas foram servidas não apresentam qualquer sinal das ditas, apenas têm no fundo umas gotas de água e não têm qualquer impressão digital. Isso indica que os cálices foram lavados após as bebidas consumidas. Ora, não faz sentido os cálices serem lavados e depois levados de novo para a mesa, o que significa que quem colocou o sonífero nas bebidas pretendia que isso não fosse descoberto.

Esta é mais uma prova de que o mordomo não se suicidou nem quem fez aquele serviço.

Se tivesse sido ele e tencionasse suicidar-se a seguir não teria tido o trabalho de limpar os copos. Portanto o autor daquele morticínio só podia ter sido o Italiano, Andréia Niemeyer.

Vejamos o que levou o inspector a esta conclusão.

Andréia encontrava-se estendido junto da porta que dava para outra sala, o que em princípio nos poderia levar a pensar que ele havia sido atingido quando tentava fugir da sala de jantar.

Mas se assim tivesse sido ele teria sido atingido pelas costas; ao contrário disso, foi atingido pela frente como provam os sinais do ferimento que apresenta.

Por outro lado, se assim fosse, teria sido atingido quando já se encontrava a alguma distância, pelo que a cápsula da bala não estaria perto dele.

Pela quantidade de sangue que ele perdeu, o médico calculou que ele tivesse sido atingido cerca de 15 minutos antes de ter sido encontrado pelos empregados.

Perante estes pormenores, Trindade concluiu que Andréia Niemeyer colocou na bebida que ia ser servida aos seus convidados o sonífero que foi encontrado no estômago destes.

A dose deveria ter sido forte para que estes adormecessem rapidamente. Quando os viu a dormir disparou sobre o mordomo para que este, cúmplice ou não, o não denunciasse. Depois foi só encostar

a arma à nuca das suas vítimas e disparar.

Como estas estavam tombadas sobre a mesa, a trajectória das balas tem a aparência de ser ligeiramente ascendente.

Os ferimentos sangraram pouco porque a queimadura os cauterizou.

Por fim esperou a hora a que os empregados deveriam voltar e um pouco antes disparou sobre si, após o que, depois de limpar a coronha, lançou a arma juntamente com a luva na direcção do ponto onde estava estendido o corpo do mordomo.

A trajectória seguida pela bala é a característica de quem dispara sobre si mesmo com a mão direita, tendo o cuidado de apontar para um ponto onde nenhum órgão vital seria atingido.

Que motivação teve ele para cometer estes crimes não sabemos. Possivelmente pretendia desfazer-se dos sócios para facilitar a aquisição das outras quotas. Gilberto estaria também incluído no número de vítimas mas o tal compromisso de última hora salvou-o.

***Policário nº 1043 – Público de 17 de Julho de 2011***



## O DOURO TEM MUITAS PONTES

### Original de PAULO

O Ferreira tomou conta de mim desde garoto. Educou-me, fez-me advogado e transformou-me no seu braço direito.

Eu resolvia-lhe os problemas legais, mantendo-me sempre longe, oficialmente, dos negócios. Tabaco, álcool, heroína, haxixe, nunca lhes pus os olhos.

Sabia tudo, mas o Ferreira agiu sempre de modo que ninguém pudesse dizê-lo.

O Ferreira tinha inimigos de morte. A casa que construiu nas inclinadas margens do Douro, longe da confusão urbana, pretendia defendê-lo desses riscos.

A localização impedia qualquer acesso ao seu quarto pela janela que exibia a vista do Douro sinuoso. Dentro de casa, uma câmara, desde que ele se deitava, filmava a entrada do quarto. Ao fundo do corredor os homens revezavam-se de noite em vigilância.

Ele sabia que o Baltasar o mataria se pudesse. Tirara-lhe o negócio de protecção a norte do Douro. Ele não lhe perdoava. Homens tinham morrido, nessa guerra quase invisível.

Naquela noite o Fabrício ia fazer um serviço: eliminar um homem do Baltasar. Por isso fiz o primeiro turno de vigilância.

Normalmente nunca faria esse trabalho, mas o Xavier tinha sido ferido no dia anterior e repousava. Eu, quando o Ferreira se retirou, por volta das 9 horas, acompanhei-o ao quarto. Vi-o tomar os medicamentos para dormir e ligar a câmara.

Depois levou-me à porta. A inacessível janela do quarto ficara fechada e eu sabia que o Ferreira nunca a abria de noite. Saí, ouvi-o rodar a chave e retirá-la. Colocava-a em cima da mesa-de-cabeceira. Todos tínhamos uma chave para abrir a porta de manhã.

Conferi que a porta estava fechada.

Sentei-me no sofá ao fundo do corredor, a cerca de cinco metros da porta. À meia-noite, seria substituído pelo Miguel.

Ele chegou à hora certa. Fui deitar-me.

Acordei com o Jacinto a bater à porta, dizendo que o Ferreira morrerá. Pensei em morte natural, mas logo percebi algo estranho.

O Fabrício estava dentro do quarto. Na cama via-se o Ferreira com uma marca bem visível no pescoço, feita por um fio, que lhe causara a morte. Fora estrangulado.

A primeira reacção foi espreitar os locais de esconderijo. Dentro do armário e debaixo da cama. Ninguém. A janela fechada. A segunda foi uma jura. O assassino do Ferreira seria morto. A minha primeira morte.

O Fabrício estava a chegar, pouco depois das oito, quando se cruzou com Jacinto. Dissera-lhe que o Ferreira estava morto. Fora com ele ao quarto e vira aquele espectáculo.

Disse que o Jacinto depois me fora chamar, deixando-o sozinho. Chegara só às oito porque o trabalho se complicara. Não conseguira surpreender o homem do Baltasar e acabara por fugir para ficar vivo.

Entretanto tinham chegado ao quarto o Miguel e o Xavier.

O Xavier, de braço ao peito, com cara de estar com dores provocadas pela bala de calibre 45 que lhe ferira o antebraço.

Dormira a noite toda. Tomara um medicamento para esse efeito e um analgésico. Acordara com o Jacinto a bater à porta do quarto.

O Jacinto disse que entrara na vigilância às quatro horas, por troca com o Miguel.

Verificara, à chegada, que a porta estava fechada e sentara-se até às oito.

A essa hora, como de costume, fora ver se o Ferreira estava acordado. Abrira a porta e como o Ferreira não se mexia, aproximou-se e viu que havia algo errado por causa da marca no pescoço e da roupa um pouco revolta.

Saiu do quarto e viu o Fabrício passar ao fundo corredor. Chamou-o e foi depois ter comigo e com os outros dois.

O Miguel disse que verificara a porta à meia-noite. Continuava fechada à chave. Desde que me substituía ficara ao fundo do corredor.

Perto das quatro horas houvera uma falha de corrente eléctrica e ele ouvira o disjuntor do quadro eléctrico, no piso inferior, disparar.

Descera às escuras, não demorara mais de um minuto, e quando voltou viu surgir o Jacinto, vindo de cima, do seu quarto, pelas escadas ao fundo do corredor, junto à porta do quarto. Viu-o verificar que a porta estava fechada e depois deixara-o sentado no sofá.

Vi a gravação. Nada de novo.

Às 3h58 um corte de 48 segundos deixara a câmara sem imagens. A falha só afectara a iluminação mas no escuro não havia imagens.

Depois via-se o Jacinto vir das escadas, a verificar a porta e, perto das oito, novamente o Jacinto a

aproximar-se, colocar a mão na maçaneta, a rodá-la, a entrar e alguns segundos depois sair.

Os movimentos seguintes coincidiam com o relatado.

Desde as sete horas do dia anterior e até que o Jacinto me chamara, eu apenas vira o Miguel.

Mas isso não importava. Eu já sabia quem fora.

Após o funeral agi. Que fiz? É melhor não se saber.

Ele confessou. O fio de cobre revestido, descarnado nas pontas ligeiramente escurecidas, queimadas, que servira de arma, foi encontrado no local que ele indicou.

O assassino, ainda vivo, amordaçado, de mãos atadas com o fio mortal, os pés metidos num bloco de cimento, foi largado de madrugada de uma ponte do Douro. Qual? O Douro tem muitas pontes.

Quem foi o assassino do Ferreira?

Escolha a opção correcta:

A – Fabrício

B – Xavier

C – Jacinto

D – Miguel

*Policiário nº 1038 – Público de 12 de Junho de 2011*

## SOLUÇÃO

O que se pode concluir do texto?

1 – O assassino teve que entrar no quarto antes de a câmara ser ligada e sair quando houve a falha de corrente eléctrica.

2 – Não era possível em menos de um minuto, a alguém que estivesse fora do quarto, aproveitar a escuridão para abrir a porta, que estava fechada, entrar, estrangular e sair. Haveria grande risco de ser apanhado.

3 – Como o assassino entrou antes de a câmara ser ligada, o Miguel fica excluído.

4 – Para sair, após ter estrangulado o Ferreira, o assassino usou o fio, com as pontas desprotegidas para provocar um curto-circuito no circuito de iluminação, deixando as marcas da descarga eléctrica no cabo condutor. Antes já teria colocado a chave na porta.

5 – Quando a luz se apagou e o Miguel saiu do seu local de vigilância, o assassino abriu a porta e saiu.

6 – O Xavier, embora pudesse ser o assassino, tinha poucas probabilidades de ser bem-sucedido devido ao ferimento. Além disso a saída do quarto às 4 horas, aumentava as possibilidades de ser descoberto pelo Jacinto ou pelo Miguel.

7 – Embora pudesse fisicamente matar o Ferreira, o Fabrício também não escolheria as 4 horas para sair do quarto pelas mesmas razões atribuídas ao Xavier. Seria a hora com maior probabilidade de ser apanhado por dois dos vigilantes estarem levantados e em movimento na casa.

8 – O Jacinto chegou logo após a luz ter voltado e verificou que a porta estava fechada. Essa é a palavra dele. No entanto, às 8 horas, quando entrou no quarto a gravação mostra-o a rodar a maçaneta sem tentar abrir a porta. Porquê? Porque sabia que estava aberta. A verificação que ele fez quando chegou às 4 horas foi falseada. Ele estava dentro do quarto e não tivera tempo de fechar a porta ao sair. Por isso, surgiu imediatamente, fingiu que vinha do quarto e falseou a verificação da porta, indicando que estava fechada.

Mais tarde abriu-a sem usar a chave porque sabia que não precisaria dela.

Ele é o assassino: C – Jacinto

Eis uma sequência dos acontecimentos:

– Entrou antes de ligar a câmara. Escondeu-se num armário, ou provavelmente debaixo da câmara, que se sabe, através do narrador, ser um esconderijo possível.

– Depois de ver que o Ferreira dormia estrangulou-o com o fio.

– Perto das 4 horas usou o fio descarnado nas pontas e provocou um curto-circuito, num local já

previamente estudado, deixando marcas no fio.

- Guardou o fio no bolso.
- Abriu a porta, onde previamente colocara a chave, para maior rapidez, saiu e fechou a porta só com o fecho para ser mais rápido.
- Esperou na escada que desembocava do lado do quarto a chegada do Miguel no outro topo do corredor e apareceu.
- Fez a falsa verificação da porta, fingindo que se mantinha fechada à chave.
- Às oito horas abriu a porta, sem tentar usar a chave e esse acto incriminou-o, porque sabia que ela estava aberta.
- Mais tarde desfez-se da arma do crime.

***Policário nº 1044 – Público de 24 de Julho de 2011***



**CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2011**

**PROVA Nº 7**

**PARTE I**

**CRÓNICA DO MEU SUICÍDIO**

**Original de PAULO**

**PARTE II**

**MANUAL DE INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS**

**Original de BÚFALOS ASSOCIADOS**





## CRÓNICA DO MEU SUICÍDIO

### Original de PAULO

Eu estou morto. Suicidei-me.

Foi muito o tempo que levei a determinar a forma como deixaria a vida. Apaixonado pela literatura policial tinha decidido envolver a minha morte em mistério. Os crimes em quarto fechado sempre me fascinaram. Escolhi uma morte difícil, mas que valeu a pena pela confusão que lançou.

Agora que estou morto e enquanto toda esta gente circula em torno do meu corpo, tentando resolver o mistério, observo a estante onde repousam as obras de John Dickson Carr, O Mistério de Bow, de Zangwill, o francês Leroux com o maravilhoso O Mistério do Quarto Amarelo, Agatha Christie e O Natal de Poirot, Ellery Queen e muitos outros.

Lá andam os polícias e outros técnicos de volta do meu corpo, mirando o quarto, observando as pistas: as falsas e as verdadeiras.

O que sentem? O que vêem? O que dizem?

Sentem o desespero de não compreender. Sentem uma temperatura de 32 graus Celsius. Vêm um quarto com um corpo sem vida, uma cadeira, muito sangue, dois aquecedores eléctricos de barras de resistências ligados, uma janela fechada por dentro, com barras na janela, impedindo que alguém por lá pudesse passar, uma única porta que encontraram fechada à chave, a chave da porta pelo lado de dentro, uma estante com livros policiais, com a prateleira do fundo vazia, que decerto ignoram serem todos sobre crimes em quarto fechado, uma cadeira de madeira encostada a uma das paredes, um estojo metálico para um punhal, com uma tira de borracha em volta da concavidade de resguardo, que o fecha hermeticamente, uma mesa, um copo vazio na mesa, as paredes nuas sem quadros, um candeeiro de três lâmpadas pendente do tecto, luvas de cabedal preto calçadas, uma pequena arca congeladora desligada, uma maçã verde e uma outra vermelha em cima da mesa, a vermelha com uma dentada, uma beata num cinzeiro ao lado do copo, um isqueiro amarelo junto ao cinzeiro e sangue, muito sangue espalhado pela sala, que a carótida perfurada esguicha que se farta, embora só alguns segundos, até o coração parar.

“Que calor que aqui está! Mesmo com o aquecedor desligado a temperatura continua alta.”

“Foram muitas horas ligado. Recebemos hoje a carta a dizer que encontraríamos aqui um corpo, mas

não temos ainda a certeza quando é que ocorreu a morte.”

“Que calor insuportável!”

Sim, eu tinha comunicado a minha morte à polícia. Tinha escrito uma carta comunicando que encontrariam um corpo naquele lugar. Eu sabia que quando chegassem eu teria morrido há mais de 24 horas, o que lhes dificultaria a tarefa de deslindarem a minha morte.

Quarto fechado. Ferida perfurante. Inexistência de arma.

“Será que o mataram? Mas como? A carta não dá para perceber se foi enviada pela vítima, e temos um suicídio, ou pelo assassino.”

“Só pode ser assassínio. Reparem que não há aqui nenhuma arma que pudesse ser utilizada para cortar a carótida. Nem ele se poderia desfazer dela depois de fazer o corte se tivesse sido suicídio. Não teria tempo.”

“É só sangue. Enquanto ainda bateu o coração ele fartou de sangrar.”

“Tem que ser suicídio. Janela fechada por dentro. Chave na porta. Porta fechada pelo interior... esta porta não fecha com a chave por dentro. Por baixo da porta não há espaço que permita passar um objecto que fizesse de alavanca para rodar a chave e depois fosse puxado.”

“Esta chave nem tem orifício onde se introduzisse um objecto para a rodar. Definitivamente concordamos que esta porta jamais poderia ter sido fechada à chave por alguém do lado de fora.”

“Nada disso interessa. Aqui não existe arma e por isso alguém a retirou. Quem? O assassino!”

“Já dá para perceber como é que a carótida foi cortada?”

“Houve um corte com perfuração. Com uma lâmina que foi alargando. Parece um punhal.”

“Devia ser o punhal que estava nesta caixa aberta. Mas para onde foi?”

Que divertido vê-los na confusão. Levantarem o corpo. A autópsia. Os exames toxicológicos. Múltiplas análises.

“Já estava morto entre 24 e 28 horas quando lá chegámos.”

“Os relatórios são claros. O ferimento adequa-se a uma lâmina semelhante à do punhal que estaria no estojo.”

“Havia maçã no estômago.”

“O cigarro foi fumado por ele e no isqueiro e no copo só existem as suas impressões digitais.”

“Mas para onde foi o punhal? Como é que o assassino saiu da sala? Vimos que era impossível fechar a porta pelo lado de fora com a chave dentro. Era impossível! Foi suicídio!”

“Não pode ser. O punhal não estava na sala e ele não poderia nunca cortar a carótida, atirá-lo pela janela, e fechá-la novamente. Não tinha tempo para isso. O punhal saiu, levado pelo assassino.”

Que deleite. Que gozo. Os génios da polícia reunidos num gabinete, na maior da confusão.

A porta abriu-se e um rosto conhecido surgiu.

“Dr Fell, welcome!”

Pesadelo! Não pode ser! Terror! Incrível! Ele vai descobrir!

Olho no tecto. Afinal não morri. Foi apenas um sonho.

À medida que o ritmo cardíaco normalizava olhei o velhinho livro da colecção Xis do mestre John Dickson Carr em cima da mesa-de-cabeceira. Fora ali, naquela que é considerada a obra-prima do quarto fechado, que eu me inspirara para o meu pesadelo.

Caros detectives, não é preciso ler o livro de John Dickson Carr para saber como é que eu me suicidei. Mas ler, faz sempre bem, em especial bons livros policiais.

Com base nas informações do meu pesadelo, pede-se ao leitor que ajude os polícias, que sem a intervenção do Dr. Fell decerto ficariam na ignorância, a descobrirem como é que a minha morte terá ocorrido e a arma desaparecido.

***Policário nº 1041 – Público de 3 de Julho de 2011***

## SOLUÇÃO

Não é crime. Quer porque “o morto” refere que se trata de suicídio, quer porque não seria possível sair da sala e fechá-la por dentro, de acordo com os testes feitos pela polícia e as conclusões a que chegou.

Como é que foi cometido o suicídio?

Com um punhal de gelo.

O estojo era estanque, em volta da forma do punhal, o que permitiu enchê-lo de água, colocá-lo no congelador, e obter um punhal de gelo com a forma da arma de lâmina metálica que ocuparia o estojo.

Depois, com o punhal, a carótida foi cortada.

O punhal terá caído para o chão, pois a vítima perderia rapidamente muito sangue e o cérebro deixaria de ser oxigenado.

Com o calor dos aquecedores, o punhal fundiu e água foi-se evaporando, não deixando vestígios.

O tempo de espera até chegar a polícia permitiu a evaporação da água que por causa do aquecedor terá sido bastante rápida.

As luvas facilitaram o acto de segurar o punhal.

Para terminar, refira-se que o uso de uma arma letal de gelo é um dos processos apontados por John Dickson Carr, pela voz do Dr. Gideon Fell, na obra Os Três Ataúdes, para cometer um crime num quarto fechado. O autor enuncia nesse livro um conjunto de situações em que os crimes parecem impossíveis.

Há quem considere que Os Três Ataúdes é a melhor obra do género “crime em quarto fechado”.

***Policário nº 1049 – Público de 28 de Agosto de 2011***

## MANUAL DE INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

### Original de BÚFALOS ASSOCIADOS

“Às dez horas Carlos vestia-se para o baile dos Cohen.

Fora, a noite fizera-se tenebrosa, com lufadas de vento, pancadas de água, que a cada instante batiam agrestemente o jardim. Ali, no gabinete de toilette, errava no ar tépido um vago aroma de sabonete e de bom charuto.

Sobre as duas cómodas de pau-preto, marchetadas a marfim, duas serpentinhas de velho bronze erguiam os seus molhos de velas acesas, pondo largos reflexos doces sobre a seda castanha das paredes. Ao lado do alto espelho-psyché alastrava-se já, em cima de uma poltrona, o dominó de cetim negro com um laço azul-claro. De repente, o timbre eléctrico da porta retiniu, apressado e violento. – Talvez outra surpresa – murmurou Carlos – Hoje é o dia das surpresas.”

O Inspector Garrett interrompeu aqui a leitura, vencido pelo sono.

O livro que sempre tinha à cabeceira e do qual nunca deixava de ler algumas páginas antes de adormecer, deslizou para o tapete onde acabava invariavelmente todas as noites.

Offenbach continuou ainda a fazer-se ouvir num volume discreto, até o CD terminar. Garrett adormeceu profundamente. E nessa noite teve mais uma vez um estranho sonho onde lhe apareciam as figuras do romance que lia pela milionésima vez.

Mas as histórias que viviam nos seus sonhos eram sempre muito diferentes das que tinham sido imaginadas pelo genial autor, se bem que muitas vezes usassem as frases que Garrett sabia já de cor e salteado.

Para Garrett um dos mistérios do romance era o título do livro que Maria Eduarda andaria a ler e que Carlos descobriu sobre uma mesa em sua casa.

No dia seguinte, pela manhã, o Inspector reconstituía o sonho que começara no exacto momento em que interrompera a leitura e adormecera.

Garrett era agora Carlos da Maia. Batista fora abrir. Pela escada acima, duas penas negras de galo ondearam, um manto escarlata esvoaçou – e o Ega estava diante dele, vestido de Mefistófeles! Garrett apenas pôde dizer: “Bravo!” – o aspecto de Ega emudeceu-o. Sentia-se bem a aflição em que vinha. – “Tu sabes o que me sucedeu? Cheguei a casa dos Cohen mais cedo, como tínhamos combinado. Ao

entrar na sala já estavam algumas pessoas, um sujeito de urso e uma senhora não sei de quê, de tirolesa creio eu. O Cohen, de beduíno, vem direito a mim e diz-me: “Você, seu infame, ponha-se já no meio da rua, senão, diante desta gente, corro-o a pontapés!” Está claro que descobriu tudo. Como, não sei. Nós sempre tivemos o máximo cuidado. Alguma criada que deu com a língua nos dentes. Alguma carta anónima. Não sei. Mas eu mato-o. À pistola, a dez passos.”

– “Ouve lá, Ega, que fizeste da espada espanhola que eu te emprestei esta manhã, para a mascarada? Não a vejo contigo”.

– “Sei lá, se calhar caiu ou alguém ma roubou quando eu vinha a sair. Mas eu quero matá-lo!”

E as duas penas de galo ondeavam-lhe na gorra, dando-lhe uma ferocidade teatral e cómica.

– “É um covarde, é um canalha. E banqueiro ainda por cima. Não tem nada que se aproveite. A não ser claro, a mulher. A Raquel, que corpo de mulher, se vocês soubessem. Oh, meninos, que corpo... imaginem vocês um peito...”

– “Chega, disse Garrett, tu estás bêbado!” – “Essa agora! Se há coisa que eu não consigo é empiteirar-me!”

Neste momento irrompeu pela sala dentro, mascarado como o selvagem Nelusko, da ópera A Africana, o Dâmaso, com as gordurosas banhas a sobremem do traje escasso:

– “Mataste-a! Oh, John, como foi que tu pudeste matar a Raquel Cohen?” E apontava para Ega que não escondia o seu espanto:

– “Que estás para aí a dizer? Eu saí lá de casa sem sequer a ver. Fui corrido pela besta do marido! Tu é que eu sei muito bem que andavas a catrapiscá-la. Se calhar foste tu que a mataste!”

– “Eu?” – disse o outro – “Quando lá cheguei só ouvi toda a gente em correrias a dizer: “Mataram a Sr.ª D. Raquel à espadeirada!” E vim logo para aqui.”

Nesta altura já tinham entrado pelo sonho de Garrett adentro o Crujes mascarado de Beethoven com uma farta cabeleira grisalha, o Craft vestido de Sherlock Holmes com cachimbo e tudo, e o próprio Cohen de beduíno, que se mostrava inconsolável:

– “Que horror! Fui traído, é um facto, mas que diabo, bastava uma coça, não era caso para isto! E logo com aquela espada terrível!” Dâmaso não se conteve:

– “Espada terrível não, era apenas uma espada de Toledo fina e vibrante, de copos trabalhados como uma renda.”

– “Sim” – confirmou Ega – “Se era a espada que eu levava, não era um daqueles espadões de ferro, ou uma durindana tremenda dos brutos que conquistaram a Índia! Está explicado porque ma roubaram”.

Cohen voltou à carga:

– “E tu, Crujes, que estás para aí calado. Claro que te mascaraste de Beethoven só para lhe agradar. Eu bem vejo como olhas para ela quando tocas a Patética. Porque é que te ausentaste da sala depois do Ega sair? Pensas que não reparei?”

Crujes, com a sua timidez, só conseguiu corar e balbuciar: – “Fui ver se o piano do salão estava afinado... Mas tu eras de nós todos o que tinha mais razões para matar a tua mulher.”

– “Perdão, respondeu Cohen, pelo que vejo, ciúmes dela tínhamos nós todos.”

Fez-se um silêncio que só foi cortado pela voz do Garrett que ousou perguntar de chofre:

– “Mas afinal qual de vocês quatro matou a Raquel Cohen?” Ninguém respondeu. Foi quando se fez ouvir o Sherlock Holmes, aliás Craft, que, tirando uma fumaça do seu cachimbo de espuma, adiantou:

– “Eu sei quem foi, não tenho dúvidas. Elementar, meus caros amigos...”

Garrett acordou antes de ouvir o resto. Mas também ele não tinha dúvidas. E quando nos contou a história deixou a pergunta: “Quem no meu sonho pode ser suspeito de ter assassinado a Raquel Cohen?”

A – O Cohen?

B – O Ega?

C – O Dâmaso?

D – O Crujes?

***Policário nº 1042 – Público de 10 de Julho de 2011***

## SOLUÇÃO

A resposta correcta é: C – o Dâmaso.

*Os Maias*, de Eça de Queiroz, é possivelmente o romance mais lido e mais apreciado de toda a literatura portuguesa.

Muita gente continua a fazer dele a sua leitura de cabeceira, com sempre renovado prazer.

É o caso do Inspector Garrett, acontecendo-lhe, por vezes transportar as personagens da obra para sonhos recheados de imaginação inspirada. O sono apanhou-o em pleno Capítulo IX.

De facto, é a Dâmaso Salcedo que devemos atribuir as suspeitas deste crime imaginário.

Consultando o romance, verifica-se que a espada que Ega usou no seu disfarce de Mefistófeles fora-lhe emprestada por Carlos da Maia nessa mesma manhã, não estando até aí à vista de ninguém. Encontrava-se ainda encaixotada no andar de cima da casa, desde a última mudança.

Mas não é preciso ler *Os Maias* para concluir que Dâmaso não conhecia a espada.

No nosso sonho, quando Ega chegou a casa dos Cohen levando consigo a espada, o Dâmaso ainda lá não estava, pelo que não podia tê-la visto. Declara mesmo não ter visto nada lá em casa e só ter ouvido toda a gente em correrias a dizer: "Mataram a Sr<sup>a</sup>. D. Raquel à espadeirada!" E saiu logo para se juntar aos outros. Como pode então descrever a espada assassina com tanto pormenor? Certamente porque mente e só pode ter sido ele a usá-la.

Talvez se tenha cruzado com Ega quando este se retirava ofendido, nervoso e embriagado, pelo que não terá reparado que Dâmaso lhe surripia a arma.

Por que motivo, mataria ele a Raquel? Talvez por ciúme, sentindo-se preterido nas suas pretensões pela bela Cohen.

Claro que, no romance, Eça não "matou" a Raquel. O marido limitou-se a pregar-lhe uma coça e no dia seguinte partiram para Inglaterra. Ega ficou furioso quando de tal soube: "Uma coça! A bengala purifica tudo! Que canalha!" E lembrava-se da bengala do Cohen, um junco da Índia com uma cabeça de galgo por castão. "E aquilo zurzira-lhe as carnes que ele tinha apertado com paixão! E assim terminava reles e chinfrim, o romance melhor da sua vida! Aquilo acabava em arnica!"

Duas notas, mais: o livro que desperta a atenção de Carlos em casa de Maria Eduarda, chama-se exactamente *Manual de Interpretação dos Sonhos*; a primeira obra de Conan Doyle em que surge Sherlock Holmes foi editada em Londres em 1887 (*A Study in Scarlet*) exactamente um ano antes da publicação de *Os Maias*.

Não seria pois estranho que Craft, inglês e culto, se mascarasse de Sherlock Holmes, no sonho de um



declarado admirador de ambos os autores.

*Policiário nº 1049 – Público de 28 de Agosto de 2011*



**CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2011**

**PROVA Nº 8**

**PARTE I**

**AZUL CELESTIAL**

**Original de DANIEL FALCÃO**

**PARTE II**

**QUEM MATOU A RAFA(ELA)?**

**Original de DANIEL FALCÃO**



## AZUL CELESTIAL

### Original de DANIEL FALCÃO

Dedicado a Dic Roland, K.O., Sete de Espadas... e Avarra

Envoltos numa coloração azul celestial, observamos três vultos. Não, não nos estamos a referir a três figuras indistintas cuja presença apenas se adivinha. Mas a três figuras que, numa outra fase do seu eterno percurso, se salientaram. Não por feitos inesquecíveis, mas por relações inolvidáveis. Um deles, em particular, marcou uma geração. A minha geração.

No centro destes três vultos, existe uma mesa. Também ela azul, mas de um azul-marinho. Fazendo-lhes recordar, com toda a certeza, as ondas do mar. A mesa tem um estranho formato hexagonal, como que se adaptando às posições por eles ocupadas. Não é um hexágono perfeito. Três dos lados têm maior dimensão que os três lados não ocupados. Estes últimos, separando e melhor acomodando os três vultos. Arriscaríamos dizer que, se eles fossem quatro e não três, a mesa seria octogonal.

Todavia, é uma mesa deveras estranha. Estranha devido à sua transparência, porque muito dificilmente se divisam as pernas que a sustentam. O mesmo se poderá dizer sobre as cadeiras em que os três vultos estão sentados. Afirmamos que estão sentados, porque a posição em que se encontram se coaduna com esta descrição.

Afinal, quem são estes três vultos? Apenas personalidades muito respeitadas e muito queridas no seio da família policiária que mudaram de dimensão, em três anos consecutivos, nos ainda não longínquos anos de 2006 – Dic Roland, 2007 – K.O. e 2008 – Sete de Espadas. Embora não estejam entre nós numa dimensão física, estão e continuarão a estar numa dimensão espiritual. Por isso vão reproduzindo aquilo a que sempre estiveram habituados: a partilha de uma mesa, confraternizando e debatendo o policiário.

“É interessante ler o Luís Pessoa desafiando os grandes decifradores e produtores de outrora a apresentar problemas em que a criptografia seja a estrela principal. Estaria ele a pensar em nós?” Questionava-se Dic Roland. “Recordo que ainda na temporada passada, ‘a mensagem secreta’ do Paulo demonstrou, inequivocamente, a qualidade da produção da nova geração de decifradores.”

Enquanto falava, Dic Roland ia rabiscando sobre a mesa. Se pensam que ele usava papel e lápis, estão

enganados. Percebia-se que o dedo indicador ia mexendo e, como por magia, as letras iam surgindo na mesa, uma atrás da outra.

“Notável o processo utilizado para exortar os decifradores à escrita de problemas policiários, enunciando os quatro pilares para se obter uma boa produção”, concluiu Dic Roland.

“É bem verdade o que dizes!”, afirmou K.O., esticando o dedo indicador. O conjunto de letras escrita por Dic Roland passara, de repente, para a frente de K.O., como se a mesa tivesse rodado para a direita, embora não se tivesse visto qualquer movimento.

Utilizando o dedo, tal como procedera anteriormente Dic Roland, o conjunto de letras ia sofrendo alterações. “O mote do desafio do Luís Pessoa parece ter sido a razia provocada pelo ‘aprendiz de criminoso’ do Felizardo Lopes. Como era possível, interrogava-se ele, que um problema linear e directo, baseado nos aspectos mais básicos da criptografia, com a chave bem à vista, o número do prisioneiro 1432, tenha provocado tanta dificuldade?”

Um momento! Parece que conseguimos ver(?) qualquer coisa. É verdade que foi muito ténue. Mas pelo menos sentimos algo a acontecer, segundos antes do conjunto de letras aparecer defronte do Sete de Espadas. Certo, certo, é que o Sete de Espadas, para sempre e simplesmente o Sete, observava atentamente as letras que se encontravam à sua frente. Adivinha-se que ia, a qualquer momento, mover o seu dedo indicador.

“Sabem que mais!?!... Concordo com o Luís Pessoa. Os problemas criptográficos obrigam a utilizar as células cinzentas. Nos dois problemas que referem, utiliza-se o método da transposição, com as devidas variantes. Mas será muito interessante que também se produzam problemas recorrendo a outros métodos.” Enquanto ditava as suas ideias, a sequência de letras sobre a mesa continuava sendo modificada, por acção do dedo do Sete. Foi neste ponto da conversa que nos apercebemos da chegada de um quarto vulto.

Com uma voz forte, disse: “Sempre a mesma coisa! Nem agora descansam um pouco do policiário. Não há dúvida que lhes está no sangue e já nada o conseguirá extirpar.”

“Avarra, tens sempre de interromper o nosso prazer!”, afirmaram os três em uníssono. Ainda estas últimas palavras ecoavam e já só conseguíamos divisar as costas dos quatro amigos, afastando-se para algum lugar para nós desconhecido. Sobre a mesa, já muito indistintas, porque se iam desvanecendo, encontravam-se as letras que formavam a seguinte sequência:

H V P Y S P J P H V W V C H K P V H N U T S Z V Z H Q L V L K Z H N P T

O que significará esta mensagem? O que estavam Dic Roland, K.O. e Sete de Espadas a engendrar, quando foram interrompidos por Avarra? Ajudem-nos, por favor!

*Policiário nº 1046 – Público de 7 de Agosto de 2011*

## SOLUÇÃO

Dic Roland, KO e Sete de Espadas não resistiram, onde quer que estejam, a reagir ao repto lançado por Luís Pessoa, enviando uma mensagem aos decifradores que com eles deixaram de confraternizar e debater o policiário.

Mas que, um dia, se irão sentar à volta da mesma mesa (já não hexagonal, claro!).

Movendo o seu dedo indicador, Dic Roland fez aparecer sobre a mesa a frase “AMIGOS DESEJAMOS LONGA VIDA AO POLICIARIO”.

Recordando os quatro pilares enunciados pelo Paulo na sua ‘mensagem secreta’, transformou a frase, colocando as letras em quatro colunas no sentido ascendente:

A	R	I	O
L	I	C	I
A	O	P	O
V	I	D	A
O	N	G	A
M	O	S	L
S	E	J	A
O	S	D	E
A	M	I	G

Foi esta distribuição das letras que KO encontrou pela frente. Não querendo complicar a vida aos decifradores, KO decidiu apenas recuperar o número do prisioneiro (1432) do ‘aprendiz de criminoso’ de Felizardo Lopes e modificar as posições das quatro colunas de letras, mantendo a primeira e a terceira nas mesmas posições e trocando a segunda pela quarta coluna:



A	O	I	R
L	I	C	I
A	O	P	O
V	A	D	I
O	A	G	N
M	L	S	O
S	A	J	E
O	E	D	S
A	G	I	M

Sete de Espadas, embora achando que já estavam a ocorrer demasiadas transformações, também quis deixar a sua assinatura pessoal, “Sete”.

Colocou as letras numa única linha, da esquerda para a direita, e de cima para baixo:

AOIRLICIAOPOVADIOAGNMLSOSAJE OEDSAGIM

A seguir, substituiu-as pela letra sete posições à direita no alfabeto, porque era pela direita que o conjunto de letras ia circulando, resultando a mensagem quase desvanecida:

HVPYSPJPHVWVCHKPVHNUTSZVZHQLVLKZHNPT

Obviamente que foi isto o que aconteceu. Contudo, os decifradores, para chegarem à frase original, devem seguir o caminho inverso: em primeiro lugar, substituir cada letra pela sétima letra à sua esquerda no alfabeto e colocar as letras em quatro colunas, da esquerda para a direita e de cima para baixo (Sete de Espadas); a seguir, trocar a segunda pela quarta coluna, mantendo as posições das outras duas colunas (KO); e, por fim, ler a mensagem contida nos quatro pilares, da esquerda para a direita e de baixo para cima (Dic Roland).

Quem será aquele misterioso quarto personagem: Avarra? Fiquem calmos, porque não espero que os decifradores o consigam identificar.

Mas ele não podia deixar de estar presente na dedicatória.

***Policário nº 1056 – Público de 16 de Outubro de 2011***



## QUEM MATOU A RAFA(ELA)?

### Original de DANIEL FALCÃO

Tudo aconteceu no final da tarde de uma sexta-feira, 13. Quando todos se preparavam para mais um fim-de-semana primaveril, foi encontrado o corpo de Rafaela Pacheco, professora de Química. Rafa, para os colegas de trabalho.

Se ninguém tivesse passado pela sala contígua à sala dos professores, a mesma sala onde os directores de turma habitualmente recebem os encarregados de educação, o corpo só seria encontrado na manhã de segunda-feira. Felizmente, se é que se pode recorrer a um termo destes neste género de circunstâncias, alguém lá entrou e gritou, depois de ver aquele cenário horrível.

Não era preciso ter muita experiência para adivinhar o que teria acontecido naquela sala. A vítima teria sido empurrada brutalmente contra a esquina de um móvel alto onde batera com a testa, provocando-lhe um ferimento muito feio, tendo dele jorrado uma grande quantidade de sangue.

O homicida, assustado com o resultado do seu acto, ter-se-á retirado da sala.

O rasto de sangue no chão da sala permitia concluir que a morte não fora imediata e que a vítima ainda se deslocara até próximo de uma das portas. Muito provavelmente, já sem forças, resolvera rabiscar no chão, com o dedo em sangue, alguns algarismos. Ao lado da sua mão direita, escrito com sangue, estava o seguinte: 5-8 5-16.

A investigação decorreu célere, ainda naquele dia e durante a manhã de sábado.

Depois de escutadas muitas das pessoas – professores, funcionários, alguns alunos – que estavam na escola naquela sexta-feira, 13, foram detidas quatro professoras para mais averiguações:

Renata Santos, professora de Francês, também conhecida por René; Rita Nogueira, professora de Português; Rosa Antunes, professora de Geografia; e Rute Magalhães, professora de Matemática.

Eis alguns dos elementos recolhidos a partir dos respectivos depoimentos, nomeadamente sobre o que tinham feito na aula que antecedeu o momento em que foi encontrado o corpo e o que recentemente estavam a leccionar.

René – Como estava com uma infecção urinária, precisava de ir constantemente à casa de banho. Durante a aula saíra por duas vezes. Curiosamente, de ambas as vezes vira uma colega seguir na direcção da sala dos professores: a Rita, primeiro, e a Rosa, depois. Pareceu-lhe que nenhuma delas se apercebera

que fora vista, embora a Rosa olhasse constantemente para a sua direita e para a sua esquerda. Nas aulas, estava a fazer uma revisão do conjuntivo dos verbos.

Rita – Durante a aula apercebera-se que se esquecera dos trabalhos dos alunos. Voltara à sala dos professores onde os tinha deixado. Chegou, entrou, dirigiu-se ao seu cacifo e, recolhendo os trabalhos, regressou à sala de aula. Não se lembra de ter visto ninguém. As aulas mais recentes estavam a ser dedicadas a *Os Lusíadas*.

Rosa – Saíra da sala dos professores sem levar com ela um mapa-mundo que representava de uma forma muito elucidativa as longitudes e as latitudes de vários países. Era este o tema das últimas aulas. Por isso, tivera de regressar à sala dos professores. Não viu nem ouviu nada, enquanto lá esteve.

Rute – Também saiu da sala de aula, depois da aula se iniciar. Precisou de ir à casa de banho e não se aproximou da sala dos professores. Regressou sem ter visto ninguém. Os alunos estavam a aprender a teoria das probabilidades.

A investigação permitiu ainda apurar que Rafa, René, Rita, Rosa e Rute, além de serem amigas e estarem informadas sobre o que cada uma estava a leccionar, partilhavam uma paixão comum: o director da escola.

Parecia estar encontrado o móbil do crime!

Pergunta-se: quem matou a Rafa(ela)?

A – René

B – Rita

C – Rosa

D – Rute

***Poliçário nº 1047 – Público de 14 de Agosto de 2011***

## SOLUÇÃO

A resposta certa é: D – Rute.

A investigação apurou ainda que a vítima, a Rafa(ela), professora de Química, estava a apresentar aos alunos a Tabela Periódica. Foi, precisamente, esta informação que permitiu decifrar a mensagem escrita a sangue: 5-8 5-16.

A estrutura da Tabela Periódica dispõe os elementos químicos em períodos (linhas) e grupos (colunas). Assim, no período 5 e grupo 8, encontramos o Ruténio, símbolo Ru, e no mesmo período 5 mas no grupo 16, encontramos o Telúrio, símbolo Te. Ou seja: Ru Te.

Embora se refira, para despistar, o que cada professora leccionava, parece-nos óbvio que seria utilizado para codificar o nome da criminosa algo que estivesse relacionado com a disciplina leccionada pela própria vítima.

***Policário nº 1056 – Público de 16 de Outubro de 2011***



**CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2011**

**PROVA Nº 9**

**PARTE I**

**CRIME EM TEMPO DE GUERRA**

**Original de BÚFALOS ASSOCIADOS**

**PARTE II**

**BRANCA DE NEVE**

**Original de BRANCA DE NEVE**





## CRIME EM TEMPO DE GUERRA

### Original de BÚFALOS ASSOCIADOS

“Luanda era uma cidade estranhamente calma em Agosto de 1962, quando ali desembarcámos. Ninguém diria que, a algumas dezenas de quilómetros, havia uma guerra.

Quatro garbosos mancebos recentemente promovidos a alferes milicianos, tínhamos feito juntos o COM e, mobilizados para Angola em rendição individual, sulcámos o Atlântico com a cabeça cheia de inquietações e receios.

Nunca esquecerei o dia em que chegámos e não só por ser o dia dos anos da minha mãe: 19. Também ficará para sempre na minha memória por ter sido marcado por um acontecimento dramático, que só não foi noticiado nos jornais porque a Censura Militar conseguiu abafar o caso, para não deixar a tropa mal colocada.

Coisas que aconteciam naquela época, hoje impensáveis... Ou quase...”

Chegara a hora dos cafés. Era sempre o momento em que aquele grupo de velhos amigos aproveitava para, nos seus periódicos almoços, cada um contar histórias raras ou colocar problemas que os outros deviam resolver.

O Inspector Garrett continuou a sua narrativa:

“Em Mafra tínhamos ficado unidos por uma boa amizade.

O Edgar Valente não tinha acabado o curso de Agronomia.

O Abílio Sério estudara Economia, mas com pouca convicção.

O João Bravo e eu andávamos em Direito.

Ninguém sabia o que iria fazer depois da tropa. Logo se verá, dizíamos: “De Angola, antes vir tenente do que com os pés para a frente”.

Todos os meus três amigos tinham tido já problemas com a polícia política, mas não gostavam de falar disso. Durante o COM constava que tinha sido um colega quem os tinha denunciado.

Nas conversas a bordo notava-se bem o que cada um pensava do regime e das suspeitas que tinha quanto à denúncia.

Já sabíamos onde iríamos ficar instalados em Luanda. O João conhecera em Lisboa uma rapariga luso-alemã, a Louise Meyer, cuja família residia em Luanda e possuía um andar na Avenida dos Combatentes,

onde alugava quartos a militares em trânsito.

Por carta tinha assegurado alojamento para nós quatro e já lá estava instalado há dois meses o Jorge, outro camarada de armas, porém com ideias políticas muito diferentes das nossas.

“A Louise acabou o curso e já voltou para Luanda. Tenho a certeza de que o Jorge, femeeiro como é, já se atirou à rapariga.” – desabafava o João. “Estou muito arrependido de lhe ter arranjado o quarto”.

O Abílio não calou a sua raiva: “Vai ser uma chatice viver na mesma casa com o Jorge.”

O Edgar não disse nada, mas notava-se na sua expressão o desagrado. Um dia perguntou ao João: “A Louise não chegou a ser tua namorada?” O outro não respondeu, mas todos percebemos o porquê.

“Eu nem vos conto o que sei sobre o Jorge”, rematou o Abílio. “Eu não sei, mas suspeito”, disse o Edgar.

Garrett fez uma pausa, gozando a ansiedade dos interlocutores. E prosseguiu:

“O pacote acostou como previsto cerca das 12h00, mas só perto das 14h00 pusemos o pé em terra, após as formalidades. O Jorge comprometera-se a estar em casa toda a tarde à nossa espera. Um furriel e dois soldados esperavam-nos com um jipão e estavam encarregados de levar a nossa bagagem para o RIL.

Mesmo assim, o João, desconfiado como sempre, quis acompanhar as malas e lá foi até ao quartel.

O Abílio disse que ia procurar uns primos que tinham um café no início da Estrada de Catete e talvez lá almoçasse. O encontro de todos na casa onde nos iríamos instalar combinou-se para as 17h00.

O Edgar disse que ia aproveitar para ir fazer umas compras, pois precisava de algumas peças de roupa civil, sapatos, calças, etc.

Eu ia procurar uma forma de telefonar à minha mãe, para não deixar de lhe falar no dia dos seus anos.

Quem hoje está habituado aos telemóveis não faz ideia da dificuldade de, naquela época, comunicar à distância. Talvez nos Correios encontrasse a solução. E separámo-nos todos.”

“Oh Garrett, mas então onde é que está o drama?”

“Calma amigos, prestem atenção”, prosseguiu o Inspector.

“Eu encontrei alguma dificuldade em telefonar à minha mãe, andei mais de uma hora às voltas na cidade. Só no quartel é que consegui o telefonema. Fiquei por ali algum tempo a conversar com colegas. O João, claro, já lá estava, mas saiu pelas 16h00. Ainda não eram 17h00 quando cheguei à morada indicada da Av. dos Combatentes. Aí esperava-me a cena do crime.

O João fora o primeiro a chegar. Cerca das 16h30 batera à porta mas ninguém respondera. Como era o único que sabia a morada dos pais da Louise, ali bem perto, foi até lá e contou o sucedido ao pai, o sr.

Meyer. A Louise não estava, dissera que ia sair toda a tarde. O pai, tendo uma chave da casa, entrou com o João e deparou com o Jorge caído no chão atingido com um tiro na zona do coração.

Chegou a Polícia Militar que, entretanto, fora chamada.

A casa, em desordem, aparentava sinais de luta. No chão perto do corpo uma pistola Walther 9mm, que veio a confirmar-se pertencer à vítima e ter sido a origem do tiro fatal.

Um pouco depois surgiu o Abílio carregando dois enormes abacaxis que os primos lhe tinham dado.

O último a chegar foi o Edgar que, apesar de não gostar do Jorge, ainda da porta manifestou o seu pesar, levando as mãos à cabeça num gesto de horror.

Mais tarde, a Medicina Legal determinou a hora da morte entre as 15h00 e as 16h00. O tiro em cheio no coração teria provocado morte quase imediata. Numa gaveta do quarto do Jorge foram encontradas peças de roupa íntima da Louise.

A nossa apresentação no RIL deveria ser no dia seguinte, de manhã. Após algumas declarações à Polícia Militar, fomos todos jantar em casa dos Meyer, onde dormimos nessa noite. O ambiente era de cortar à faca.

A Louise chegou pelas 19h00, já sabia que nós íamos chegar e disse ter estado na praia com amigas e depois em casa delas.

E pronto, a história está contada. Mas os meus amigos já possuem dados para dizer sobre quem recaíram desde logo as suspeitas do crime. E justifiquem.

***Policiário nº 1050 – Público de 4 de Setembro de 2011***

## SOLUÇÃO

Eis a síntese das respostas ao problema por parte dos amigos do Inspector Garrett, enquanto bebiam os cafés:

1 – Não havendo provas concretas temos de raciocinar no campo das hipóteses. De resto é esse o sentido da pergunta que nos é feita. Única certeza: o disparo terá sido antes das 16 horas.

2 – Todas as pessoas envolvidas poderiam ter motivos para matar o Jorge: o João, o Edgar ou o Abílio podiam ter provocado um ajuste de contas com o Jorge, por suspeitarem de ter sido ele o delator que os teria denunciado à Pide. A Louise aparenta ter, ou ter tido, uma relação íntima com o Jorge e isso poderia justificar uma cena violenta que conduzisse ao crime. O próprio pai Meyer não está afastado das suspeitas (tinha uma chave da casa), nem sequer o Inspector Garrett, embora no caso deste não se divisem motivos.

3 – Assim sendo, vejamos quem talvez tenha a possibilidade de apresentar alibi. O Abílio poderá ter o testemunho dos primos do Café na estrada de Catete, onde teria estado toda a tarde. Até trouxe dois abacaxis de presente. Não é suspeito para já.

4 – O João acompanhou as bagagens ao R.I.L., onde esteve até às 16h00 e foi mesmo visto pelo Garrett. Saiu e chegou ao apartamento pelas 16h30. Não teria tido tempo para cometer o crime.

5 – A Louise poderá ter o testemunho das amigas com quem esteve na praia e depois em casa delas.

Quanto ao pai pouco ou nada sabemos. Mas o texto iliba-o, bem como à filha, ao indiciar um culpado militar. Caso contrário não se justificaria que a censura tivesse abafado o caso “para não deixar a tropa mal colocada”.

Seria muito pouco abonatório para o regime tornar público um ajuste de contas com origem em divergências políticas, como já se adivinha, entre oficiais do Exército.

6 – O Inspector Garrett não deve ter encontrado nenhuma estação de Correios aberta e acabou por ir ao R.I.L. telefonar à mãe. Não parece ser culpado, até porque não sabemos de motivações para o crime.

7 – Só o Edgar Valente não apresenta qualquer hipótese de alibi.

Ainda por cima, quando, ainda da porta, levou as mãos à cabeça num gesto de horror, mostra ter as mãos desocupadas não parecendo portanto ter feito quaisquer compras, contrariamente ao que tinha anunciado.

Onde terá estado durante aquelas quase quatro horas se não foi às compras?

8 – Por que razão Garrett teve dificuldades em encontrar uma estação de correios aberta e o Edgar

não poderia ter ido às compras? Muito simplesmente porque o dia 19 de Agosto de 1962 foi um domingo e o comércio em Luanda estava todo fechado, bem como os correios, como era usual na época. Finalmente, um facto concreto, que faz recair sobre o Edgar, desde logo, as suspeitas do crime, mais do que sobre qualquer um dos restantes intervenientes.

E é bem exagerada a sua reacção, da porta, ao “saber” da morte.

“Muito bem” – disse o Inspector Garrett – “a vossa dedução está perfeita. Efectivamente o que aconteceu foi que o Edgar Valente tinha fortes desconfianças de que fora o Jorge quem o denunciara à Pide e, ao chegar a Luanda, resolveu pôr tudo em pratos limpos. Sem se lembrar de que era domingo, inventou aquela desculpa de ter de ir às compras e, mal desembarcou, foi logo directo ao apartamento onde o Jorge nos esperava.

A discussão aqueceu, o Jorge terá confessado a sua culpa e a pistola Walther ali pousada à mão criou a oportunidade para o crime.

De notar que naquela época a familiaridade dos militares com armas tornava normal que elas estivessem quase sempre pousadas em locais de fácil acesso.

O mais curioso da história foi o que se seguiu. O Edgar foi acusado e julgado em Tribunal Militar, mas influências tendentes a abafar casos políticos e a proteger a identidade de informadores da Pide fizeram com que apenas fosse condenado a dois anos com pena suspensa, por negligência no uso de armas de fogo.

Foi depois compulsivamente passado à disponibilidade, mas nunca mais deixou de ser perseguido pela Pide, tendo acabado os seus dias no Tarrafal.

“Malhas que o Império tece”, como dizia o poeta. Neste país ainda há muitas histórias para ser contadas”.

E Garrett acabou por pedir outro café porque o seu entretanto arrefecera.

***Policário nº 1057 – Público de 23 de Outubro de 2011***



## BRANCA DE NEVE

### Original de BRANCA DE NEVE

Eu juro, juro por tudo quanto há de mais sagrado que nada tenho a ver com este caso. Chamo-me Rosa, mas todas as minhas amigas me tratam por Branca de Neve. Não sou possuidora de qualquer predicado que me faça diferente das minhas amigas, mas a verdade é que todas me invejam. Não tenho nada, mas todas elas querem ter esse nada que eu tenho.

As minhas amigas mais chegadas, todas têm nome de flores. São a Dália, a Margarida, a Hortência e Violeta.

O meu namorado chama-se Manuel, mas usa a alcunha de Cravo. Todas as minhas amigas queriam para elas o meu Cravo.

Naquele dia de Novembro o Cravo apareceu morto. Não se pode dizer que fosse por falta de água. O dia inteiro esteve a chover. A arma que serviu para o matar foi um corta papel, que lhe perfurou o estômago. O cabo rendilhado definia-o como um objecto de uso feminino.

Nomeado para deslindar o caso, o comissário José Maria concluiu que o crime havia sido praticado por uma mulher, e indicou o meu nome e o das minhas quatro amigas mais chegadas.

Nas declarações que prestámos, eu disse que tinha passado o dia na igreja ajudando na sua ornamentação para a festa do senhor Orago; para além do padre tinha o testemunho das outras senhoras que estiveram fazendo o mesmo.

A Dália disse que andara durante algumas horas correndo junto ao mar. Andava a preparar-se para participar numa prova de atletismo.

A Margarida disse que tinha passado todo o dia em casa de Hortência.

Hortência confirmou o álibi da Margarida e disse que tinha passado o dia com esta.

Violeta afirmou que à hora do crime estava na Biblioteca Municipal a consultar uma biografia de São Martinho.

Como já afirmei, juro por todos os santos do Reino dos Céus, que nada tenho a ver com este crime. Assim, das outras raparigas que o comissário indicou, qual delas terá sido a assassina?

A – A Margarida

- B – A Hortência
- C – A Violeta
- D – A Dália

*Policário nº 1052 – Público de 18 de Setembro de 2011*



## SOLUÇÃO

A alínea que indica o nome da assassina é a C) Violeta.

Ela não podia saber a que hora o crime fora cometido uma vez que esta não foi revelada.

*Policário nº 1057 – Público de 23 de Outubro de 2011*



**CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2011**

**PROVA Nº 10**

**PARTE I**

**OS ENIGMAS DA TRIBO DESAPARECIDA**

**Original de M. CONSTANTINO**

**PARTE II**

**O IATE MISTERIOSO**

**Original de MALEMPREGADO**



## OS ENIGMAS DA TRIBO DESAPARECIDA...

Original de M. CONSTANTINO

Na distância do tempo, algures, isolada do conhecimento humano, a tribo, duas dúzias de viventes, existiam na certeza única do dia-a-dia. Na sua geografia havia o sol que se abria lentamente nas terras de cultivo primitivo, incidia na aldeia até se esconder sobre a montanha intransponível. Água, terra, céu, luz, escuridão... para além o reino dos espíritos na voz do trovão, na ira do raio.

O mar, calmo, que recebia as águas doces do rio, não impedia verões quentes, invernos rigorosos. “Vieram do mar...”, era a lenda. Mais baixos que altos, robustos, cabelos negros, cobriam-se de peles. Desconheciam o ler; contar eram os dedos das mãos. Tinham nomes próprios que esqueciam em troca de epónimos consoante os actos ou configurações. Viviam em comum. As mulheres iniciavam cedo a vida sexual, acasalando com vários homens. Tinham muitos filhos, mas poucos sobreviviam à infância; aliás, a média de vida era baixa. Competia-lhe a lenha, tecer cordas de fibras.

Os homens eram caçadores, pescadores e agricultores, segundo a aptidão. Para eles, o “rito de iniciação” sexual celebrava-se aos treze anos. Na “iniciação” de Jorge – a própria mãe se ofereceu para o ritual – a tribo aguardava, silenciosa. O iniciado apareceu corado, oscilante, mas sorridente; a iniciadora fez sinal afirmativo e o festim surgiu.

Vibrou pela madrugada com a notícia do nascimento de dois rapazes. Gémeos iguais, escorreitos; da mesma mãe, sol a despertar, nasceu uma menina diferente dos irmãos e dos demais. Beatriz – murmuraram. Aurora – ditou o chefe Mentor, apontando o horizonte ardente. Aristarco, o juiz, afastara-se. No areal húmido, pegou um galho, riscou um traço horizontal ao mar; dois outros, de iguais dimensões, formaram um triângulo.

Inspirado, lançou sobre este um outro igual mas invertido, resultando uma estrela de seis pontas. Espetou doze pequenos galhos, um em cada ângulo ou duplo ângulo de intercepção das duas figuras. Mentor aproximou-se, interrogativo. Aristarco adiantou-se – Já somos bastantes, 26 exactamente; esta é a nova aldeia. Doze palhotas, quatro em cada lado dos triângulos. Vais numerá-las, com o número um na palhota esquerda da base do primeiro triângulo e de modo a que a soma da numeração de cada um dos lados dos triângulos seja sempre 26. Um problema para ti! Problema? Algum tempo, riscos e Mentor sorriu: Tudo como queres! Mais... a soma dos números das pontas da estrela é 26! Aristarco rejubilou,

clarificando que cada palhota seria dividida ao meio. Todas as portas, voltadas a nascente.

A tribo limpou o terreno, colheu paus, colmo e amassou barro para tapar as fendas. Quando pronta a habitar, Aristarco e Mentor ocuparam a n.º 1; Jorge, o iniciado, a 12, com Graçaim; as restantes distribuídas conforme as idades. À parturiente e gémeos coube a ponta norte da estrela. Relevam, entretanto, a façanha de Albano ao ousar enfrentar um urso com duas setas nos olhos. A fera, cega, na ânsia de arrancá-las, enterrava-as mais a cada movimento, devido à ponta em forma de “V” invertido. Destro, cravou a lança mortal. Pela dificuldade de construção e utilidade, as setas eram rigorosamente guardadas com a lança, as armas exclusivas dos caçadores.

Os pescadores usavam tridentes. Inquietante o caso dos gémeos, um dos quais era um mentiroso incurável; contagiava o irmão e punha a aldeia em alvoroço com falsos acontecimentos. Aguará, caçou uma raposa branca; da pele fez um gorro que usava dia e noite e ofereceu a Aurora a restante. Esta começou a negar-se a Jorge a favor daquele. Carla, 16 anos normais, inesperadamente recusou trabalho e homens; rodeou-se de bichos mortos e, qual Sibila, clamava tragédias. Enjeitada acolheu-a Boto, a quem não incomodavam os gritos; mas não suportou o cheiro e procurou outro poiso.

Sibila, acendeu uma fogueira a 9 passos da palhota. Sentada, de pernas cruzadas, com um felpudo e feio gato preto ao colo, balançava-se sobre o lume, gritando que a palhota ia arder. Mentor tentou intervir, inutilmente. Através da porta aberta viu lenha, peles velhas e carcaças pestilentas. Encaminhou-se para casa. Subitamente, as chamas devoraram a palhota. Testemunhas alegam que Sibila não fez qualquer gesto suspeito. Levantou-se, gritou e desmaiou. Aristarco visitou o local e ordenou a expulsão da moça para a floresta. Nomeado Alvanéu, Jorge montou nova palhota. A paz voltou.

O tempo decorreu até à “iniciação” dos gémeos e reajustamento habitacional. Aristarco e Mentor começaram por estes que ninguém conseguia diferenciar, sentados à porta da palhota. O juiz, encarando-os, perguntou de surpresa: Qual nasceu em último? Eu nasci depois, disse um deles; o outro respondeu: Eu nasci primeiro! Aristarco ponderou e, dirigindo-se ao primeiro, sentenciou: Tu, Júlio, és o Pábulo, terás o cabelo rapado e viverás na 5 com o Albino, o dos incisivos salientes, teu irmão Raul com Pendão na palhota de costas à de Alvanéu, que manterá habitação com Amaro, o Graçaim. Aurora não mudará. Na palhota mais distante à sua, fica Ursídio, vizinho do Bisonte. No n.º mais baixo da lateral Este do primeiro triângulo ficam o delgado Lavanco e o grande e gordo de barriga como um sapo, donde vêm, de um lado a entrada da palhota do Jaime, o Cafunda e o dos halos escuros em volta dos olhos; do outro, descortinam Cláudio, sentado à porta da habitação. A 9 é ocupada por Daniel, matador da raposa branca e Artur, o Alfaraz.

Na base do triângulo invertido, na palhota Este, habitam o arisco Donfafe e Nuno, o das pernas tortas,

seguindo-se a de Luís e o grande e gordo Carlos; na última palhota a Oeste vivem o Paulo, aquele que acolheu Sibila e Mário, o armeiro Erco. Para coabitação, Aurora recusou a alegre Tono; e Rosa, a Rubi, ficou com a pequena e gentil Garnisé. Ana, de poucas falas, era incompatível com a faladora Lúcia, a Gralha, amiga da Rosa e Alice. As três últimas ocuparam a última palhota disponível e Muda fez companhia a Marta. O juiz citou: Caçadores – Alvanéu, Aquará, Alfaraz, Bisonte, Castor, Panda, Ursídio, não respectivamente, Daniel, Diogo, Cláudio, Jorge, Artur, Albano, Albino; pescadores – Amaro, André, Júlio, Luís, Mário, Raul, sem ordem, Epígono, Erco, Garçaim, Pábulo, Lavanco, pendão; agricultores – Boto, Cafunda, Cambeta, Donfafe e Untanha ou, sem ordem, Carlos, Hélder, Jaime, Nuno e Paulo. Citou as mulheres, recolheu as conchas onde arabescara os nomes, ápodos e números habitados.

Inverno chegado, Alvanéu percorreu a aldeia, barrando buracos nas palhotas. Alvorecera. Aristarco e Mentor contemplaram o manto branco da geada que cobria o solo da aldeia. Rastos inidentificáveis assinalam que o frio não apagara o fogo genital. Caminharam até ao centro... Um grito veio da palhota de Aguará; a porta abriu-se e Aurora caiu nos braços de Mentor.

Aristarco entrou para encontrar Aguará na cama, frio, com um buraco profundo no alto da cabeça, sangue e restos de crânio no chão, atrás; junto da parede, o gorro rasgado ao centro com um golpe. Não havia armas à vista, as próprias do caçador jaziam invioláveis. A luz de um pavio, mergulhado em resina na concavidade de uma pedra, fora a única testemunha.

A palhota trancada por dentro, a mulher dormira profundamente aos pés do morto; acordara para o horror e era insuspeita. As pegadas, impossíveis de identificar na geada, iam da palhota 7 à 3, da 12 à 9, desta à 2 e à 3, ou no sentido contrário ao indicado.

Quem? Como? Aos leitores o ensejo de identificar nomes, ápodos, moradas dos viventes e os enigmas da tribo...

***Policário nº 1054 – Público de 2 de Outubro de 2011***

## SOLUÇÃO

Primeiro temos a aldeia, a fixação a partir do mar e a Sul a floresta, que se deduz pelo abrir do Sol sobre as terras de cultivo e desaparecer (a oeste) para lá da montanha. As palhotas construídas em dois triângulos invertidos – estrelas de seis pontas – são 12 e acolhem 26 viventes. Parece não ser difícil estabelecer a numeração, de 1 a 12, sem repetições, de modo a que a soma da numeração de cada lado dos triângulos (4 cabanas em cada), incluindo as seis pontas das estrelas, seja igual a 26, o número total de habitantes, no momento.

Sem recorrer a tratados matemáticos, até por tentativas, temos:

1º Triângulo:  $1+11+12+2=26$ ;  $10+9+5+2=26$ ;  $1+8+7+10=26$ .

2º Triângulo:  $4+7+9+6=26$ ;  $4+8+11+3=26$ ;  $6+5+12+3=26$ .

Segue-se a tarefa de colocar os habitantes nas palhotas que lhes couberam. Pelo texto do problema sabemos que a palhota nº 1 foi escolhida para albergar Aristarco e Mentor e está colocada no ângulo esquerdo do primeiro triângulo. A ordem do juiz para o Pábulo (mentiroso) ir viver para a 5 com Albino, o dos dentes incisivos salientes, ou seja, o Castor (Dic.); seguindo o texto, seu irmão Raul com Pendão na palhota 11; isto é, a que está de costas para a de Alvanéu, que mantém a habitação 12, com Garçaim; Aurora fica no mesmo lugar, a nº 3, ponta Norte da estrela; e na mais distante da sua, ponta Sul da estrela e palhota nº 10, ficam Ursídeo com Bisonte (seu vizinho).

Na lateral Este do 1º triângulo o número mais baixo, a 7 (não ocupada, evidentemente), acolhe Lavanco e o gordo de barriga como um sapo, Untanha (Dic.) de onde vêm (na que só pode ser a 8) o de halos escuros em volta dos olhos, Panda (Dic.); a 9 é ocupada por Daniel (ou seja, o matador da raposa branca), o Aguará, e o Alfaraz.

No triângulo invertido, a palhota a nascente, nº 4, é ocupada por Donfafe e o de pernas tortas, Cambeta (Dic.). Na seguinte, Luís e o gordo Carlos, já antes referidos. Na última, a Oeste, nº 6, ficaram Paulo, aquele que acolheu Sibila, ou seja Boto, surdo (Dic.) e o armeiro Erco. Restam completar a 3 e a 2. Ora, sabendo-se que Aurora escolheu Garnisé e Ana, a de poucas palavras (Muda) era incompatível com a faladora Gralha (Dic.), podemos concluir que na 3 ficaram Aurora, Garnisé e a Muda. Na restante, a 2, Tono, Rubi e a Gralha. Para completar esta operação com nomes próprios e ápodos, segundo as acções e configurações dos viventes (não é necessário consultar os dicionários para todos os ápodos), vamos analisar o conteúdo das conchas de Aristarco, começando pelos caçadores.



Sabemos pelo texto que Jorge é Alvanéu; Albano o Ursídeo; Aguará é Daniel; Cláudio, sentado à porta da cabana é Bisonte; Albino, o dos dentes salientes, o Castor; porque Artur é o Alfaraz, o Panda só pode ser o Diogo. Dos pescadores, o texto identifica Júlio com o Pábulo; Raul, seu irmão, o que nasceu depois, é o Epígono (Dic.); Amaro é o Garçaim, Mário, o armeiro, é Erco, Luís – visto que Untanha, o gordo, não é pescador – só pode ser Lavanco e, conseqüentemente, André é o Pendão. Em relação aos agricultores, extrai-se que Cambeta é Nuno, Cafunda é Jaime, Carlos (o gordo atrás citado) é Untanha; o surdo, Boto, é Paulo; Mário é o Erco. Resta Donfafa, que só pode ser o Hélder.

Quanto às mulheres, temos a Aurora, que não chegou a ser Beatriz, ainda que lhe coubesse igualmente o nome por ser aloirada, diferente dos irmãos e dos outros; segue-se o texto no qual se verifica que Rosa é Rubi; e Lúcia, a faladora, é a Gralha. Se Ana (de poucas falas) é a muda, fez companhia a Garnisé (escolhida por Aurora, esta só pode ser a Marta); Tono (Dic.) é Alice. Resumindo: na palhota 1 estão Aristarco (o juiz) e Mentor (o chefe); na 2, Alice (a Tono), Lúcia (a Gralha) e Rosa (a Rubi); na 3, Aurora, Marta (a Garnisé) e Ana (a Muda); na 4, Hélder (o Donfafa) e Nuno (Cambeta); na 5, Júlio (o Pábulo) e Albino (o Castor); na 6, Mário (o Erco) e Paulo (o Boto); na 7, Luís (o Lavanco) e Carlos (o Untanha); na 8, Jaime (o Cafunda) e Diogo (o Panda); na 9, Daniel (o Aguará) e Artur (o Alfaraz); na 10, Albano (o Ursídeo) e Cláudio (o Bisonte); na 11, Raul (o Epígono) e André (o Pendão); e finalmente, na 12, Jorge (o Alvanéu) e Amaro (o Garçaim). O exposto não passa de um paciente exercício.

É tempo de responder ao enigmático. Sibíla, a aprendiz de feiticeira, quis adivinhar o futuro, adiantando-o. Como incendiou a palhota? Se estão lembrados, ela debruçava-se sobre a fogueira com um felpudo gato preto ao colo; fácil, assim, foi pôr o gato na fogueira, o qual, com o pelo a arder, se refugiou na palhota, cheia de lenha e de peles, incendiando-a. Depois foi a comédia: gritou e deixou-se cair no chão. Não enganou o juiz que, ao ver o gato morto nos destroços, não hesitou em expulsá-la para a selva.

O segundo teste é uma lógica simples. Porque ninguém distinguia os gémeos (talvez a mãe que já não deve existir ao tempo, porque ninguém a menciona), o juiz começou por perguntar qual dos dois irmãos nasceu em último, ao que Júlio respondeu que era ele e o outro respondeu que fora o primeiro a nascer. Aristarco ponderou que não poderiam estar a falar verdade, já que um era mentiroso natural, incorrigível; logo, os dois mentiam. Deduziu que Júlio era o mentiroso, porque apressara na resposta. Mas o que levaria o outro a mentir? Respeito para com o irmão mais velho, influência dele durante anos, receio de que, dizendo a verdade, prejudicasse Júlio. O juiz teve a certeza do seu acerto ao verificar que ninguém protestou.

Quanto à morte do Daniel, o Aguará, excluída a culpabilidade da única pessoa que estava trancada

por dentro com a vítima, não existindo esconderijos ou portas secretas, visto as pegadas não poderem ser conclusivas, há que procurar quem teve os meios e as armas. Jorge, na véspera, andou pela aldeia a tapar buracos nas palhotas e, na do Daniel, deixou um buraco (disfarçadamente tapado), para utilizar posteriormente. Naquela noite, levou o arco e flechas – o único caçador entre os rastos que passaram pela palhota – abriu o buraco, apontou a flecha, munida de uma corda leve, à cabeça da vítima e disparou; puxou depois a corda, soltando a flecha que arrancou pedaços do crânio, levando o gorro até à parede e deixando-o cair; fecha de novo a abertura com um bocado de barro e deu uma volta pelas palhotas das mulheres, para despistar. Não esqueçamos, porém, que Aurora o repudiou ao conhecer Aguara.

Mas não há crimes perfeitos...

*Policiário nº 1060 – Público de 13 de Novembro de 2011*

## O IATE MISTERIOSO

### Original de MALEMPREGADO

Há muitos meses que o Alberto estava debaixo de olho.

A polícia tinha informações bastante seguras de que se tratava de um mediano passador de drogas, actuando numa zona de difícil controlo, por ser muito visitada por nacionais e estrangeiros.

Com uma vigilância à distância, tão discreta quanto possível, a polícia foi reunindo informações e indícios dos movimentos daquele pescador amador, que todos os dias se sentava no mesmo local, preparava as canas, o isco e por ali ficava horas e horas, numa pachorrenta sonolência.

Os agentes estavam a desesperar, dias e dias naquela monotonia, a olhar para um homem que parecia incapaz de fazer mal a uma mosca, fazendo contagem das vezes que lançava o isco, das vezes que retirava alguma coisa, inventando jogos para se manterem minimamente atentos. Mas o que acontecia era que a paciência se estava a esgotar e os agentes destacados andavam à beira de um ataque de nervos.

Mas naquele dia, tudo se alterou.

O Alberto estava sentado no seu lugar de estimação, junto da Torre Vasco da Gama, olhando na direcção da ponte com o mesmo nome, seguindo as movimentações de três pessoas que percorriam um iate de boas dimensões, ali ancorado. À primeira vista, nada que despertasse suspeitas aos agentes, mas depois, um deles, colocado a jusante, fazendo, também, de pescador, notou que havia uma espécie de sinalética, um levantar e sentar, aparentemente sem sentido. Logo transmitiu a informação ao outro agente, situado mais para o interior e a uma distância mais reduzida do Alberto.

O dia estava belíssimo, não havia rasto de nuvens nem de vento, o chamado dia perfeito para um bom passeio à beira-rio, seguindo o mergulho das aves e a discreta ondulação que ia levantando uma leve espuma, rio acima.

As movimentações das pessoas no iate começaram a indiciar que este se aprestava para levantar âncora e avançar em direcção à foz do rio. Em poucos segundos apareceu uma espuma branca e o iate avançou, ligeiro.

O agente-pescador largou a cana, erguendo-se para ter uma melhor visão à passagem da embarcação, procurando reunir o máximo de informação. Foi nesse momento, ao aproximar-se mais da água, que viu dois embrulhos, flutuando na sua frente. Desceu, lesto, e apanhou-os. Não era preciso

grande esforço para deduzir que se tratava de tabletes de droga, como já vira inúmeras vezes e que estavam dentro de água há poucos minutos.

Já de posse das embalagens, ergueu os olhos e cruzou o olhar com as três personagens que passavam precisamente à sua frente. Ficou sem saber se o olhavam surpreendidos por o verem dentro da água ou por ele ter detectado algo que lhes era dirigido ou que acabaram de largar para outras mãos...

Rapidamente dirigiu o olhar mais para cima, a tempo de ver que o Alberto se aprestava para largar o seu poiso e sinalizou esse facto ao colega, que no entanto já estava bem próximo de Alberto e em posição para a sua detenção.

O iate foi intersectado mais adiante, já depois de passar por baixo da Ponte 25 de Abril e a sua vistoria, de alto a baixo, não deu em nada, se bem que um dos seus tripulantes já tivesse uma longa história de tráfico.

Nos interrogatórios que se seguiram, o Alberto reafirmava a sua inocência:

– Olhe, senhor agente, eu sou um cidadão como outro qualquer, que apenas quer pescar. Sou pescador, vou para ali todos os dias, na maior parte das vezes nem apanho nada, mas passo o meu tempo...

– Você está bem conotado com o tráfico de drogas, meu caro. Sabemos que há muito tempo que lhe passam pelas mãos doses importantes de drogas e dinheiros. Temos muitas informações, está tramado. Faltava-nos o flagrante delito e ele aqui está. Se quer um conselho, é melhor confessar já!

– O senhor agente está equivocado. Eu não tenho nada que ver com isto de que me acusa. Estava a pescar, mais nada. Todos os dias vou para aquele lugar e não sei de mais nada.

– E o iate? Apanhámo-lo à saída do Tejo. Já sabemos tudo, é melhor que confesse já e nos poupe a todos o trabalho de ter de retirar coisas que já todos sabemos, não é verdade?

– Não posso confessar uma coisa que não é verdade e não fiz...

Os agentes fizeram a retrospectiva da acção, verificaram minuto a minuto, segundo a segundo, toda a cena. E concluíram:

A – O Alberto pode estar envolvido e era o destinatário da droga enviada pelo iate;

B – Embora seja o destinatário da droga enviada pelo iate, Alberto não pode ser incriminado porque não há provas contra ele;

C – O Alberto pode estar envolvido naquele caso de droga, mas ela não veio do iate;

D – O Alberto não pode estar envolvido naquele caso de droga, nem a droga veio do iate.

***Poliçário nº 1055 – Público de 9 de Outubro de 2011***

## SOLUÇÃO

A alínea certa é a C). O Alberto pode estar envolvido naquele caso de droga, mas ela não veio do iate.

O iate estava a montante do local do Alberto, para o lado da Ponte Vasco da Gama e o texto refere que o iate estava ancorado, tendo começado a mover-se na direcção da foz do rio, ou seja, em sentido contrário. Como ele entra imediatamente em movimento, nesse sentido, a maré estava a encher, pois a âncora está sempre colocada na proa do navio, ou seja, na parte da frente.

Só assim o iate pode levantar a âncora e iniciar de imediato o movimento para a foz do rio.

Portanto, se a maré estava a encher, uma carga largada do iate nunca poderia deslocar-se contra a maré e só dessa forma poderia ir ter com o Alberto.

Em conclusão, o Alberto poderia estar envolvido na tramóia e, pelos seus antecedentes, certamente que estaria, mas aquela carga não partiu do iate, até porque a descrição revela que a droga estava na água há muito pouco tempo.

*Policiário nº 1062 – Público de 27 de Novembro de 2011*



# **CAMPEONATO NACIONAL E TAÇA DE PORTUGAL 2011**

## **CLASSIFICAÇÕES**





## DECIFRAÇÃO

### CAMPEONATO NACIONAL

1º	DETECTIVE JEREMIAS	(CAMPEÃO NACIONAL)
2º	ZÉ	
3º	DANIEL FALCÃO	
4º	INSPECTOR ARANHA	
5º	RIP KIRBY	
6º	PAULO	
7º	INSPECTOR BOAVIDA	14º MISTER H
8º	BÚFALOS ASSOCIADOS VERBATIM	15º ALCE BRANCO DANIELUX
10º	AGENTE GUIMA	KARL MARQUES
11º	A. RAPOSO & LENA DR. GISMONDO	18º INSPECTOR GIGAS
	INSPECTOR SONNTAG	19º EGO
		20º MEDVET

### TAÇA DE PORTUGAL

VENCEDOR	–	DETECTIVE JEREMIAS
FINALISTA	–	MISTER H
MEIAS-FINAIS	–	INSPECTOR ARANHA; PROFESSOR CEBOLAS
QUARTOS DE FINAL	–	DANIEL FALCÃO; DR. GISMONDO; INSPECTOR GIGAS; ZÉ

## MELHORES SOLUÇÕES

- 1º DETECTIVE JEREMIAS
- 2º ZÉ
- 3º DANIEL FALCÃO
- 4º INSPECTOR ARANHA
- 5º RIP KIRBY

## SOLUÇÕES MAIS ORIGINAIS

- 1º MEDVET
- 2º INSPECTOR GIGAS
- 3º ZZZ
- 4º BOCHUNELAS
- 5º DETECTIVE JEREMIAS

## PRODUÇÃO

### CAMPEONATO NACIONAL

- 1º PAULO
- 2º A. RAPOSO & LENA
- 3º DANIEL FALCÃO

### PROBLEMAS DE ESCOLHA MÚLTIPLA

- 1º BÚFALOS ASSOCIADOS
- 2º PAULO
- 3º PENEDO RACHADO



## **POLICIARISTA DO ANO E RANKING**

### **TROFÉU SETE DE ESPADAS (POLICIARISTA DO ANO)**

- 1º DETECTIVE JEREMIAS
- 2º INSPECTOR ARANHA
- 3º DANIEL FALCÃO
- MISTER H
- ZÉ

### **TROFÉU DETECTIVE MISTERIOSO (RANKING PÚBLICO-POLICIÁRIO)**

- Nº 1 DETECTIVE JEREMIAS
- Nº 2 DANIEL FALCÃO
- Nº 3 ZÉ

